

Todos os desportistas devem comprar a revista STADIUM

Stadium

N.º 201 — 9 de Outubro de 1946 — Esc. 2\$00



ROGÉRIO
DO BENFICA

A BICICLETA

FLECHA

VENCEU A

XI VOLTA A

PORTUGAL

ROGÉRIO
DO BENFICA

A linha
avançada
do BENFICA
sabe fazer
goles



Fernando defende, catreado por Julinho



Embora o Benfica tivesse disfrutado por vezes de larga vantagem, o Oriental tambem lhe moveu algumas situações de apuro



Fernando esteve sempre atento e foi corajoso em todos os lances de perigo que os encarnados construíram



O ponto de honra do Oriental



Algumas vezes, porém, os «orientais» se aproximaram das redes do Benfica

O SPORTING avança na Tabela mas os escolhos são muitos

Benfica e Belenenses desprezaram a oportunidade!

Das Salésias aos outros campos!

Crónica de TAVARES DA SILVA



campos, principalmente no Lumiar A, as coisas decorreram de modo a interessar. Há desafios que a gente não vai ver por não prever o que vai passar-se. Quando conhecemos o resultado e sabemos como a luta se desenvolveu temos pena. O mal, porém, já não tem remédio. Pelo contrário, há outros encontros que se apresentam com os maiores atractivos, e afinal resultam uma sensaboria. Concluindo: a 4.ª jornada deu-nos futebol aceitável. Alguns períodos de futebol, e a indispensável surpresa não do agrado dos adeptos.

A luta desenvolve-se em cheio, e começa a aquecer. Os *teams*, à medida que o torneio decorre, compreendem que um ponto a mais, ou a menos, representa muito da sua vida na competição. Assim, os jogadores batem-se com bravura e denodo. O mais entusiasmaticamente que é possível. Nestas condições, a luta aquece de tal modo que somente o pulso forte dos juizes de campo lhe dará boa ordem e arrumação. Infelizmente, os árbitros demonstram a tendência estranha de punirem aquilo que não merece castigo, deixando passar em claro uma série de truques e deslealdades, qual deles o menos desportivo.

As regras do jogo, excelentemente elaboradas, dizem muitas coisas. Entre outras, repisam o princípio de que não é lícito os jogadores reclamarem de forma a induzir o público em revolta. O que se está a passar, neste capítulo, não abona uma corporação que se tem prestigiado através dos tempos.

Já temos referido várias vezes a nossa opinião sobre o assunto. Nós admitimos, e queremos, o choque com o corpo — arma indispensável do futebol! — mas somos implacáveis adversários da jogada subterrânea, aquela que tende a fazer mal ao adversário, não tendo sequer o favor do jogo, ou a intenção de jogar. No que respeita ao domingo passado, che-

gam-nos de vários sectores as mais alarmantes reclamações. O mais curioso do caso é que ninguém se sente culpado, atirando todas as pedras para o telhado do vizinho. E temos o convencimento de que todos os telhados são de vidro!

Os clubes lisboetas continuaram a estreir vários elementos. O Benfica seguiu a rota sportinguista, fazendo a apresentação de dois interiores, Andrade e Vitor Baptista, que agradaram francamente e muito em especial o segundo. Resta agora ver como os estreantes se comportarão no futuro ao defrontarem equipas de mérito, aquelas que marcam a classe do jogador.

A classificação geral ficou estabelecida da seguinte maneira: Sporting 11 pontos, 3 vitórias e 1 empate, 19 bolas contra 7; Benfica 10, 3 vitórias e 1 derrota, 18 bolas contra 7; Belenenses 9 pontos, 2 vitórias, 1 empate e 1 derrota, 7 bolas contra 6; Atlético 7 pontos, 1 vitória, 1 empate e 2 derrotas, 9 bolas contra 10; Cuf 6 pontos, 1 vitória e 3 derrotas, 7 bolas contra 16; Oriental 5 pontos, 1 empate e 3 derrotas, 4 bolas contra 16.

Um resultado que se justifica



IVEMOS nas Salésias a primeira enchente da temporada. Olhava-se em redor do campo, e não se descortinava uma clareira. No ambiente pairava a ideia de jogo decisivo, e quando isto sucede o público entrega-se. Comparando, vibrante e entusiasmático.

Sob a arbitragem do sr. Abel Ferreira, os grupos alinharam as seguintes formações.

Belenenses — Capela, Vasco, Feliciano, Amaro, Gomes, Serafim, Armando, Elói, Teixeira da Silva, Quaresma e Rafael.

Sporting — Azevedo, Cardoso, Manuel Marques, Canário, Mateus, Barrosa, Jesus Correia, Vasques, Peyroteo, Travassos e Albano.

Vendo, agora, as coisas tranquilamente, talvez que a impressão, fria e de certo modo aborrecida,

do final do encontro não tenha razão de existir.

Quando, num jogo, há um período de fulgor, tudo depois nos parece menos bom do que na verdade era. A luz do sol encandeia, e só nos deixa ver passada a primeira impressão.

Ora, o Sporting teve um período fulgurante. Sem favor. Mesmo



Feliciano intercepta um golpe leonino!

sem pôr óculos sportinguistas. Dizia-nos Mariano Amaro, esse estupendo jogador que tanto admiramos, e que ainda por cima tem o alto valor de ser sempre leal mesmo quando a deslealdade assenta arraiais em campo, que o Sporting tem *team* para fazer frente a todas as contingências.

O juízo parece-nos de bom fundamento. Olha-se agora a direito para o grupo leonino, e vê-se um bloco sólido: estrutura defensiva, linha modular de melhor resistência e repartição de futebol, e uma linha dianteira a tocar a perfeição. A valorização do futebol sportinguista é um facto. E não queremos meter-nos na questão de saber se há melhores *teams* do que este, ou se o Sporting é melhor do que os outros. No estado actual, damos a três clubes a mesma nota, e podemos errar, quando muito, em um valor.

Pois é verdade! Ao desenvolver o seu sistema, o Sporting fê-lo com jeito e saber. Tão bem, que a equipa deu a sensação, aliás errada, de não ter falhas. Fazendo jogo rasteiro, pelo menos na dian-

teira, e obrigando a bola a correr certamente de pés para pés, os *leões* imprimiram ao seu futebol uma feição eminentemente de ataque.

Lógicamente, o Belenenses desenvolveu futebol de defesa. Não se julgue, por estas palavras, que os *azuis* se deram exclusivamente a tarefa defensiva. Nada disso. Nem é tal o que desejamos significar. Os belenenses atacaram quando as oportunidades surgiram. Muito bem, por vezes. Mas o seu futebol ficou à volta do seguinte pensamento: é preciso opor um dique ao ataque do adversário, cortante e ameaçador.

Ambas as equipas estavam a jogar bem. Cada uma com o seu sistema. E buscando o jogo pelo jogo, sem ideia de ofensa para o adversário. Como é da praxe, nestas condições, o Belenenses organizou-se aos poucos, e a qualidade do seu *team* melhorou à medida que os ponteiros do relógio avançavam.

Talvez por encontrar, instante a instante, uma resistência mais bem organizada, o ataque leonino diminuía de eficiência a olhos vistos. Consequência: o Belenenses tornava-se mais perigoso, e o jogo atacante dos *leões* transformava-se em futebol de defesa. Note-se que, nestes vários capítulos do futebol, nunca uma das duas equipas dominou inteira ou abertamente. O Sporting, a vencer por 2-0, foi igual ao Belenenses quando o

resultado era o de empate 2-2. Eis o desafio das Salésias no plano geral que comporta! Falta ainda as referências aos jogadores que completam o quadro salésiano.

E começaremos pelo Belenenses. Acentuando a boa forma de Capela, indício certo de tenacidade e de treino. Dizemos isto por bem sabermos tratar-se de um jogador que precisa de preparação cuidada. Vasco foi o esteio da defesa. Mais serenas do que na época passada (o que poderá significar maior capacidade técnica!), as suas intervenções foram brilhantes. Já com Feliciano se passa qualquer coisa de anormal — a que é preciso por cobro o mais depressa possível. Amaro mostrou quanto vale ainda, sobretudo no momento em que o grupo precisou de um homem infatigável e capaz de empurrar. Gomes deu mais rendimento do que Sérgio. O esquerdo Serafim (que tão bem está a chutar com o pé direito!) manteve os seus créditos.

Na linha da frente destaque-se,

entre os cinco, esse científico Quaresma, um jogador que é sempre esforçado e generoso quando faz bem e quando faz mal, mas que dá gosto ver em acção quando acerta. Armando cumpriu a sua feição, e Teixeira da Silva não descompôs o conjunto. A sua inclusão justifica-se inteiramente. Estamos daqui a ver o objecto: faz bem a Teixeira da Silva jogar no primeiro *team*, e o repouso também não deixa de convir a Andrade. Elói gasta energias sem fim e sem proveito para os seus, retendo a bola. Que dizer das passagens de Rafael, *tim homem* que chuta ainda como poucos jogadores?

Azevedo continua ele próprio, inconfundível. Algumas das suas defesas tiveram o cunho da classe excepcional. Que garra! Cardoso actua sempre com inteligência: a sua presença faz-se sentir em campo, mas impõe-lhe obrigações. Manuel Marques teve o seu dia. Quando os jogadores são grandes, mais tarde ou mais cedo vêm ao de cima. É o caso em questão. Na linha medular apreciámos a passagem de Mateus para o canto, resultando mais perfeita a distribuição do futebol e sem afectar a tarefa defensiva. Canário e Barrosa, igualmente trabalhadores.

Os melhores da linha da frente (vem pelos nossos olhos!) chamaram-se Vasques e Albano; um jogador tranquilo, que se recreia na sorte, e outro de indomável energia, que não de desdenha o passe de efeito. Jesus Correia, pese à sua eficiência de marcador, não progride como todos desejaríamos. De Travassos deve dizer-se que não esteve feliz (ficava-lhe à ilharga uma sentinela que nunca adormeceu!), mas mesmo assim afirmou qualidades. Deve desculpá-se a uma unidade como Peyroteo actuação abaixo de um nível médio. O avançado-centro nacional, tocado, não pôde dar a sua medida. Aquilo que parece falta de vontade é, no fundo, incapacidade física.

Sobre o árbitro recaem as maiores culpas no que respeita ao futebol inferior, feio, desleigante e desleal das Salésias. Trata-se de um juiz de campo que não sabe, ou não soube, pelo menos, ver o jogo. E havia necessidade de o ver. Com bons olhos.

A vitória de Benfica e a surpresa do Lumiar



Oriental deu outro mau passo. Devemos ter em conta que as equipas demoram tempo a integrar-se no ritmo de uma competição a que não estão habituadas. Esse hábito custa e paga-se caro. Cada derrota, nestas condições, deve encarar-se como incentivo para melhores dias.

Os orientais continuam a mostrar características de vivacidade e de apego na luta. Não lhes falta, voltamos a dizer, desejos de fazer boa figura. Tenacidade. Mas isso porventura turva o seu espírito. A tranquilidade em campo também é necessária, e tal requisito só o adquirem as equipas com um plano já apreendido e que elas executam, insensivelmente. O motorista, à força de prática de condu-

zir, já executa todas as operações sem dar por isso.

Por infelicidade para os orientais, o Benfica catregou a fundo logo no primeiro período, em obediência ao princípio de que se torna necessário conter em respeito o adversário. Senão, ele cresce... e é bem mais difícil o triunfo. Esse esforço foi recompensado no que toca a meter bolas. De aí para diante, os propósitos benfiquenses vêm-se com clareza: passar o tempo, certo e sabido de que a máquina oriental, já desconjugada, daria de si. Assim sucedeu, de resto. Na parte final do encontro, o Oriental entregou-se. Para tal, nem sequer o Benfica teve de se empregar a fundo.

A linha avançada do Benfica funcionou razoavelmente, e da estreia dos interiores diz o nosso amigo Manuel Mota o seguinte: «Andrade começou bem, denunciando, pelo menos, engodo pela baliza, mas fraquejou depois por inadaptação ao andamento do jogo. Vitor Baptista, vindo de uma equipa mais afeita a desafios movimentados, a do Sanjoanense, melhorou gradualmente até se distinguir, no último quarto de hora, pela marcação de duas bolas». Esperemos mais provas para uma prova para juízo definitivo.

Benfica — Machado, Teixeira, Félix, Jacinto, Moreira, Francisco Ferreira, Espírito Santo, Andrade, Júlio, Vitor Baptista e Rogério.

Oriental — Fernando, Custódio, Morais, Isidoro, França, Carlos Costa, Leitão, C. França, Augusto, Banhos e Moura.

Árbitro — Luis Magalhães.
A Cuf conquistou, antes do Atlético, uma equipa pujante de vida e que ainda oito dias antes tinha operado o golpe de teatro, o seu primeiro triunfo. Não assistimos ao jogo. Mas todas as penas encarecem a justiça da vitória, não adquirida por causas acidentais, mas devida ao labor e esforço próprios.

O Atlético, ao que parece, foi acometido de má doença no terreno do Lumiar. A defesa deixou-se abalar e o ataque diminuiu de tom. Quando isto acontece, não há nada a fazer. Um jogador actua tão mal que nem parece o mesmo da semana anterior. A pergunta de «como é possível isto?» fica sem resposta. É a lei do jogo. Além de ter jogado mal, com os seus homens na maré da vazante, o Atlético também não mostrou capacidade para reagir à desgraça.

Pelo contrário, a Cuf soube ser *team* a ganhar. E isto é tanto mais notável quanto é certo ter o grupo sofrido várias sangrias, cada qual de maior volume. De sorte que o triunfo adquire uma tonalidade muito especial. O *team* mostrou conjunto, e individualmente exprimiu esta ideia: «Nós temos figuras capazes de formarem um grupo digno de uma competição como a lisboeta». Disse e provou-o, que é afinal de contas o melhor do balanço do Lumiar A.

Tendo arbitrado Filipe Gameiro Pereira, os grupos formaram como segue:

Cuf — Eduardo Santos, Marques, Armindo, Curtinhal, Bernardo, Gastão, Serra, Correia dos Santos, Sousa Pereira, Armando Carneiro e Vicente.

Atlético — Correia, Baptista, Castro, Galinho, José Lopes, Morais, Manuel da Costa, Armindo, Amaral, Gregório e Marques.

O CANTINHO do nosso leitor

De quando em vez recolhemos dos nossos leitores aliteres e sugestões. «Stadium» é uma revista para todos. Exigimos respeito pelas nossas ideias. Aceitamos as dos outros. Assim nasce esta Secção. Uma carta do macaense, sr. José de Carvalho e Rodrigues Júnior, abre o «Cantinho do nosso leitor».

Desde que cheguei a Lisboa, como admirador do futebol, pedi a um amigo que me indicasse alguma revista desportiva em que se folsse mais do Futebol. Foi a revista «Stadium» a indicada. Eis uma ideia que vamos explicar.

Porque é que Portugal não convidará a equipa da China para realizar um desafio internacional de carácter amigável? Tem Portugal uma colónia no sul da China e portanto precisamos, nós, os portugueses, de mantermos relações, quer pelo desporto, quer pela diplomacia, etc.

Podrá certamente, perguntar-se, como se tornaria a ideia em realidade? E eu digo que, sendo possível isso, bastava escrever, ou melhor irer ao assunto com a Associação de Futebol de Macau, para servir de intermediária, ou, então, escrevendo em inglês para o South China Club of Hong-Kong, ou, melhor, servindo-se de embaixada chinesa.

Tenho a máxima certeza que um desafio entre Portugal e a China era visto com grande interesse, não só em Lisboa, como, também, nas colónias e no estrangeiro, principal-

mente na Inglaterra e no Oriente. Os chineses são também bons futebolistas, não ficando atrás da Inglaterra, França, Itália e dos países que têm grande fama neste desporto.

A equipa chinesa esteve nos jogos olímpicos de Berlim, e esteve em Londres, onde jogou contra a selecção inglesa, não sendo como vencedora, mas conseguindo perder pela diferença mínima de 0 a 1. Os grupos profissionais ingleses que têm ido a Hong-Kong tiveram sempre que lutar com tenacidade, e, mesmo assim, não eram capazes de regressarem à Inglaterra sem alguma derrota. Entre as equipas que estiveram em Hong-Kong figuram os conhecidos «Arsenal», «Corinthians», «Aston Villa», «Chelsea» e durante a reconquista britânica de Hong-Kong, estiveram grupos militares ingleses com jogadores dos melhores grupos britânicos; entre eles estavam o Lawton e o Matthews.

Ambos os jogadores estiveram no Oriente e os grupos militares que serviram eram o 44.º batalhão «Comandos» e a Royal-Air Force.

Podrá certamente a Federação Portuguesa de Futebol convidar a equipa chinesa, e realizar um encontro amigável, mostrando o nosso deslumbrante Estádio Nacional, que a maioria dos chineses ignoram.

A ideia exposta não nos parece ousada. O nosso país tem possibilidades no Oriente, e a fórmula exposta enquadra-se em nossas tradições e serve a Nação. Para o facto chamamos a atenção dos poderes desportivos.

HOQUEI EM PATINS

O PAÇO DE ARCOS

não perde o título...

ERA de tal modo firme a posição conquistada pela equipa de hoquei em patins do Paço de Arcos, no campeonato nacional, que mesmo tendo ido a Porto empatar e perder, ainda pôde ganhar o título — por outra, confirmar o direito a usá-lo, pois pertencia-lhe desde 1944, obtendo assim três triunfos consecutivos! É bonito, realmente, embora se ofusque um pouco o brilho da vitória pelos dois resultados feitos

contra os representantes do Norte, a proeza dos campeões nacionais de hoquei em patins.

Através da competição, o Paço de Arcos denotou sempre superioridade, afirmando um valor positivo e confirmando uma categoria especial em relação aos outros três concorrentes. Bastará dizer-se que, em Paço de Arcos, os campeões de Portugal obtiveram triunfos, respectivamente, sobre Hoquei de Sintra, Académico de Infante de Sagres, por 7-2, 11-3 e 13-3, no total, portanto, de 31 goals a 8. E quando teve de ir a recinto contrário, fez, respectivamente, 5-4 em Sintra, 3-3 nas Condomínias e 1-5 no Lima — ou sejam vitória, empate e derrota e 9-12.

“FLECHA” é a melhor bicicleta

(Continua na pág. 15)



Mister Robert Kelly



A ginástica, a grande base para o futebol, e o primeiro exercício do treino dos jogadores do Sporting

Um treinador inglês em PORTUGAL fala do futebol português



O treinador inglês exemplifica...

homem da bola «made england» autêntico. Da bancada assistimos, curiosos ao treino.

«Mister» Robert Kelly «trabalha» no treino em perfeita colaboração com os «seus» jogadores. Chuta, a exemplificar aquilo que o seu desconhecimento da língua portuguesa não pode traduzir — e o Barrosa neste caso é um bom auxiliar — acoore ao lance, toma parte na jogada. O grupo treina no entanto em perfeito contacto com o seu orientador técnico que sabe, como «Meestre», do seu ofício.

Notamos certas «novidades» e «experiências» que ainda não começaram a ser postas em prática no jogo do grupo leonino. Observado o ambiente do treino interessávanos conseguir umas palavras de «mister» Kelly — que bem sabíamos pouco nos podia dizer... No entanto antes da hora do seu jantar no «hall» do Hotel Florida trocámos algumas impressões com o treinador dos «leões». Ao mesmo tempo tomávamos contacto com uma pessoa extremamente simpática e amável. Pelo que se passou conhecêmo compreendemos a razão porque os jogadores do Sporting estão satisfeitos com o seu novo treinador.

E a conversa principiou, cada um defendendo-se o melhor que podia das diferenças de linguagem, auxiliando-se com o sorver guloso de puros «cigarretes».

— Que pensa «mister» dos jogadores portugueses?

— Os jogadores portugueses, têm uma técnica e uma ideia de jogo muito parecida com a dos jogadores ingleses. Por isso gostaria que uma equipa portuguesa

fosse a Inglaterra jogar com várias equipas inglesas.

— A propósito: que opinião formou depois do jogo Charlton-Benfica?

— Esse jogo não pôde traduzir a realidade do futebol inglês, que actualmente vive o seu período de «renascimento» após a guerra que obrigou o nosso futebol a uma paralisação total. Nesse período o futebol inglês esteve bastante abalado e recomeça agora, mas, desvalorizado 70% do seu valor de antes da guerra. E é com grande percentagem de gente nova que as equipas aparecem nos campos de futebol de Inglaterra.

— O futebol que joga o Sporting?

— O sistema que já antes da minha entrada para os «leões» animava o seu jogo corresponde a boa acclamação em Inglaterra.

— Procura introduzir no Sporting a técnica inglesa?

— E' o que estou fazendo, tratando de pôr a equipa do Sporting com nível igual aos melhores «teams» ingleses.

— Que lhe parece o futebol português?

— Vive em constante animação. Em Portugal há mais entusiasmo pelo futebol do que em Inglaterra. Nunca esperei que no seu país existisse tanto interesse pelo futebol.

— Como aprecia tecnicamente o jogador português?

— Encontro neles grande intuição para o jogo. Demonstram grande habilidade e são especialmente velozes.

— Os outros clubes de Lisboa?

— Parecem-me de bom nível técnico. No entanto ainda só vi jogar, uma vez, o Atlético, o Oriental e a C. U. F.

— Sente-se bem em Portugal?

— Muito. Tudo gente muito agradável. O Sporting é um grupo muito selecto e bom. Os seus directores têm sido muito amáveis para comigo. Tenho deste clube uma opinião muito boa.

— Espera ganhar este campeonato?

— Vamos ganhar os tres campeonatos.

E «mister» Kelly não nos pôde dizer mais nada.

Ao nosso «muito obrigado» respondeu-nos, sorridente, com um legítimo O. K.

FERNANDO SÁ



Amavelmente «Mister» Kelly diz-nos o mais que pode

SÃO 7 horas. Lisboa, ali para os lados do Campo Grande, está ainda meio adormecida. Ao longo das suas alamedas os prédios conservam-se sem vida e por todo o parque nem viv'alma. Para a baixa, ao encontro da cidade que a essa hora desperta, vêm os carros hortaliçeiros e os eléctricos acomodam dezenas e dezenas de homens e mulheres que se chegam ao trabalho.

Os nossos passos dirigem-se para um campo desportivo, onde a essa hora já há animação — vida.

Assim é no antigo campo de voleibol do Sporting — que no seu Estádio trabalha-se com grande afan nas obras que hão-de fazer o novo campo — onde vamos encontrar «mister» Robert Kelly, pronto a dar início ao treino do dia. O novo treinador do Sporting é uma figura curiosa. Difere um pouco dos nossos treinadores, nota-se-lhe o «feltio» profissional — o «feltio» e o «vontade do

A Surpresa da 4.^a Jornada



Junto às redes do Atlético, ante a ameaça dos avançados «cuísta»



Correia, o guarda-redes do Atlético, segura uma bola enviada com boa direcção

Novo Estádio do SPORTING

O Estádio do Lumiar transforma-se.

Finalmente iniciaram-se os trabalhos que hão-de dotar o Sporting com um parque de jogos, mais ou menos, à altura da sua importância no desporto nacional. As obras que principiaram no campo dos «leões» deixam já prever a grande transformação por que tudo aquilo vai passar. O terreno já está resolvido. Braços rijos manejam as enxadas que fendem a terra palmo a palmo, aquela terra que há-de aparecer coberta de verdura — muito verde e maciça. Depois todo o resto das instalações sofrerá umas voltas, cumprindo um projecto, obedecendo à boa vontade que os sportingistas têm posto no seu desejo de apresentarem um campo de jogos, digno e que reúna as condições necessárias, para bem da sua actividade desportiva e que corresponda às necessidades dos seus sócios e adeptos, do público em geral, que animoso e entusiasta cada vez acorre com mais interesse às demonstrações de desporto.

Pouco, ou nada, se pode avaliar ainda do que será o futuro campo de jogos do Sporting. Neste momento trata-se de fazer os alicerces — chamemos-lhe assim. Uma onda de trabalho invade todos os recantos do vasto terreno.

Homens que trabalham, em actividade constante, máquinas que os ajudam a revolver a terra. A primeira vista parece que passou por ali um tremendo ciclone. Por entre montões de terra quase se esconde a pista de atletismo. Breve desaparecerá também, levando consigo a recordação de quanto contribuiu para auxiliar a propagação de uma grande modalidade: o atletismo. Da mesma forma a do ciclismo. Enfim trabalha-se no Estádio do Lumiar para que dentro de muito pouco tempo possamos dizer com inteira satisfação: vai inaugurar-se o novo Estádio do Sporting.





Pelo JORNALISTA DESCONHECIDO

1 O grande interior-esquerdo viscaíno Iraragorri voltou a Espanha e regressou ao jogo. Logo todos se alvoracaram, na esperança de que o milagroso avançado ainda fosse o mesmo jogador. Isto é, o avançado mais científico e genial da vizinha nação, inspirador e orientador, e também rematador estupendo.

Iraragorri estreou-se, e a equipa do Atlético de Bilbao esmagou o Espanhol.

No outro dia, mais ou menos, todos os jornais se referiam à *dianiteira atómica* de San Mamés, enaltecendo o famoso Iraragorri que — disseram — atirou às balizas como no ano de 1935.

Julgamos que esta data foi a da abalada do jogador para terras da América do Sul. Em 35, jogando já há muitas épocas, ainda elemento precioso, o interior viscaíno não estava no apogeu. Pelo contrário, começava a descrever a trajetória da descida. De sorte que pode bem apresentar-se este homem como um fenómeno nunca visto, por cima de quem os anos passam, e, em vez de o envelhecerem, rejuvenescem-no. Isto, de um lado. Do outro, talvez se pudesse aproveitar o caso como exemplo do exagero espanhol. Mais uma espanholada. Desta vez inofensiva!

2 Rui de Araújo é um homem! O antigo jogador do Sporting, instalando-se em Braga, e ao contrário do que geralmente sucede em casos tais, granjeou naquela cidade as maiores simpatias. Como? — Dando em campo todas as suas energias, e mantendo cá fora uma vida limpa.

Rui de Araújo, já avançado na idade (como jogador, evidentemente!), deverá retirar-se brevemente. Mas a sua vida de jogador da bola ficará ainda assinalada por mais o belo gesto da presente época. Rui de Araújo, ante as dificuldades do Sporting de Braga, ofereceu ao clube os seus préstimos de jogador, isentos de qualquer remuneração e para qualquer categoria.

Nos tempos que correm, e em que os juniores já nascem acostumados a reduzir a sua habilidade a dinheiro, a atitude do magnífico jogador eleva-se acima do nível futebolístico.

3 Parecem cumpridas todas as formalidades para a realização, esta época, do Portugal-Espanha, de futebol. A Delegação Nacional dos Desportos, em Espanha, na sua última reunião, autorizou a efectivação do jogo, e não haverá — julgamos — mais entraves. Nem vícios de interpretação. Nem seja o que seja.

De resto, o actual presidente da Federação Espanhola defende o princípio de realizar-se em cada época um encontro peninsular, e manifestou o propósito de alargar o contacto internacional do seu país. Propósito bem difícil, aliás.

Os treinadores-jogadores são elementos preciosos na Província

POR várias vezes temos sido solicitados por clubes da Província desta arte. Presisávamos de um indivíduo que fosse ao mesmo tempo treinador e jogador, isto é, capaz de ensinar e disciplinar, servindo ainda de reforço. Raramente temos correspondido. Porque, na maior parte dos casos, este simples questão é o suficiente para oferecer aspectos em que não nos queremos ver envolvidos.

Teóricamente, a imagem do treinador-jogador tem sido muito discutida: a maior parte dos técnicos e comentadores condenam-na irremediavelmente. Nós entendemos que é preciso distinguir, havendo também lugar para a sua acção.

Nos clubes de primeiro plano, cujos jogadores são verdadeiras figuras, o treinador-jogador talvez não seja de aconselhar. Só em hipóteses especiais. De um modo geral, parece-nos realmente condenado. Se houvesse entre o treinador, considerado como jogador, e os outros componentes da equipa, uma grande diferença de classe, ainda se comprederia. Mesmo assim...

O treinador inculca a teoria na inteligência dos jogadores. Diz-lhes, teóricamente, na mesa do tabuleiro, como eles devem jogar e desenvolver os seus golpes, tanto de ataque como de defesa. Mais tarde, passado o jogo, o treinador não deixa também de fazer a sua crítica, comentando a acção dos seus homens e procurando dela tirar exemplos de correcção e de perfeição. Quer dizer, convencer o jogador pela prática.

Se o treinador se apresentar no terreno como jogador há-de fatalmente praticar alguns erros da espécie daqueles que pretende evitar nos lições teóricas. E os jogadores sob as suas ordens (se já não o tiverem feito dentro do campo) não deixarão de aproveitar o facto como demonstração de que erros todos praticam, e de que não fazem melhor por mais não poderem... É o que acontece a toda a gente, dirão. E aos poucos isso abalará a confiança posta no treinador (final, um jogador como os outros!), diminuindo o seu prestígio e a eficácia do seu ensino. Não nos parece de aconselhar, portanto, nos clubes de primeiro plano e nas terras futebolisticamente importantes, a figura do treinador-jogador.

Todavia, na Província, de um modo geral, a sua adopção poderá contribuir eficazmente para a expansão e o aperfeiçoamento do futebol. Primeiro, porque o treinador-jogador se apresenta aureolado de prestígio e pela diferença de classe que normalmente o separa dos elementos locais. Segundo, porque um bom jogador, nestas condições, dentro do campo, sempre poderá disciplinar o conjunto, dando-lhe o sentido e combinação. Como temos visto jogar muitos desses grupos, não hesitamos em afirmar que, em muitos casos, o que principalmente lhes falta é serenidade e ordenação.

A par da missão que o treinador poderá desenvolver, criando em muitos rapazes o gosto pelo jogo, aperfeiçoando aqueles que lhe aparecem, e ensinando aos jogadores, que se julgam já feitos, coisas de que eles tanto carecem, e que só por si muito tempo levariam a aprender, não se nos offerece perniciosa a acumulação do cargo de jogador quando, em campo, mesmo na competição, o treinador for capaz de ligar e orientar, dando unidade à dispersão de esforços.

A Província precisa, mesmo, destas figuras, e elas poderão certamente desempenhar um bom papel no futebol português. Em França atribui-se ao seu aproveitamento a valorização do jogo.

CORRE QUE...

A todos os clubes que dispensaram jogadores, tendo anteriormente referido que tais elementos lhe eram indispensáveis, têm sido aplicadas pela Direcção Geral multas pecuniárias.

♦♦ Ao Sanjonense, por exemplo, foi aplicada a pena de cinco contos, por ter dispensado o seu jogador, o avançado Baptista, naquelas condições.

♦♦ Os benfiquenses põem grandes esperanças na aquisição de Baptista.

♦♦ Talvez já esteja solucionado, a estas horas, a pendência. Sporting e Cuf puseram os olhos no mesmo jogador, um rapaz

muito novo, e um portento no posto de extremo. Cada um apresenta-se com direitos.

♦♦ O jovem setubalense Ataz, que se encontra em Coimbra, tem sido amiudadamente solicitado para vir a Setúbal. Ou matar saudades, ou servir de testemunha...

♦♦ A selecção portuguesa, quando se deslocar a Paris e a Dublin, fará a viagem de avião.

♦♦ Na cidade da Guarda, bela e acolhedora, há três clubes, e a capacidade futebolística é resertrita. O caminho estava indicado, se os desportistas quisessem...

Conta-gotas

Talvez o leitor não saiba uma coisa curiosa. Há três espécies de porteiros nos campos da bola, cada um com sua remuneração. Assim: porteiro de portas (via publica) 25\$00; porteiro de controle 22\$50; porteiro interno 20\$00. Gabamos a nomenclatura e não inebjamos a remuneração.

A Associação de Futebol de Lisboa interessa-se pelos mais pequenos pormenores. Talvez ciente de que, em matéria financeira, muitos poucos fazem o muito.

Segundo um dos seus comunicados, os clubes devem providenciar no sentido de que os polícias compareçam, unicamente, meia hora ou, o máximo, uma hora antes do início dos jogos.

É a lei da economia a vigorar, e muito bem. Não nos diz o comunicado quanto tempo deve a polícia permanecer no campo depois do jogo findo. Mas presume-se.

Transcrevemos o seguinte eco de Liens:

«Pablo Hernandez Coronado não quis ser seleccionador nacional.

Seguramente, se-lo-á o ilustre José Maria Mateos, que já exerceu o cargo com grandes acertos. Gostamos dos dois. Temperamento, em Pablo; serenidade, em José Maria.

E agora, a ganhar até aos que inventaram o futebol, se eles quiserem apresentar-se.

De aqui se deduz claramente duas conclusões: que a nomeação de Mateos é um facto; e que na vizinha nação se deseja ardentemente, e trabalha-se nesse sentido, um desafio que nós já temos incluído no calendário. O jogo contra a Inglaterra!

Depois de composto este comentário, sabemos da nomeação de Coronado para seleccionador.

O Arroios venceu o Operário, em campo. Perdeu mais tarde na Secretaria. Pior do que derrotar, visto ter-lhe sido averbada falta de comparação.

Tudo isto porquê? — Em virtude do Arroios ter alinhado com um jogador não inspeccionado.

Como estas coisas ainda acontecem em nossos dias...

O caso Feliciano continua a ser vivamente comentado em certos recantos do país. O mais curioso do caso é a maneira como a personalidade do jogador é encaráda.

Só nós, ou outros que bem conhecem o jogador, é que compreendemos a injustiça da apreciação. Mas isto significa que os jogadores devem ponderar devidamente os seus actos.

A reforma indispensável

QUANDO foram empossados os actuais dirigentes da Federação de Atletismo, já vão quase dois anos decorridos, esperava-se da sua competência e actividade a actualização dos nossos velhos regulamentos e a reforma completa e indispensável de toda a organização em vigor, antiquada e em moldes impróprios para as condições de vida presentes do atletismo português.

O tempo decorreu, as esperanças foram enfraquecendo e, afinal, a gerência chegou ao fim e a obra a ser feita ficou por fazer.

O regulamento técnico, cuja redacção fora, parece, entregue ao Conselho Técnico federativo, nunca mais deu entrada na secretaria da Federação; as alterações ao regulamento de provas limitaram-se à abolição da categoria de estreates e ao estabelecimento do número máximo de provas em que cada atleta pode tomar parte no mesmo dia. E mais nada.

O colégio de juizes árbitros mantém-se em regime de laboriosa gestação; a oficialização de cronometristas e aferição de cronómetros para provas oficiais nem passaram pela mente dos nossos dirigentes; a criação de uma escola de juizes e técnicos, cada vez mais necessária, também não foi além de boato sem consistência.

Que fez então, durante estes dois anos, a direcção da F. P. A.? O mesmo que as precedentes, o mínimo a que era obrigada: organizar os campeonatos.

Restam-lhe ainda uns meses de exercício, calmos meses de temporada morta, que bem podiam ser aproveitados para elaboração das reformas inadiáveis, sem as quais se não pode admitir que recomece novo período activo do atletismo português.

A aposta mútua no futebol

DESDE a primeira jornada do campeonato de Liga começou a funcionar em Espanha a organização oficial da aposta mútua aplicada aos resultados dos encontros de futebol em cada jornada da prova.

Os boletins são vendidos ao preço de duas pesetas e habilitam o concorrente a vários prémios, cuja importância depende evidentemente do número total dos participantes, mas que é calculada desde já em 180.000 pesetas para o primeiro classificado.

O director-gerente da organização é o antigo presidente da Federação Espanhola, Leopoldo Garcia Durán, o qual prestou sobre a mecânica das apostas as seguintes declarações: «Reservam-se para os prémios 45% da totalidade recolhida; outros 45% destinam-se integralmente à beneficência provincial e os restantes 10% são reservados para os gastos de administração e desenvolvimento.

Os prémios serão importantes; tomando como base o milhão de boletins que contamos já em data próxima distribuir semanalmente, teremos a seguinte divisão de recompensas para os que tenham

Comentarios

acertado: 40% para o primeiro prémio, ou sejam 180.000 pesetas; 30% para os segundos, 135.000 pesetas; 20% para os terceiros, 90.000 pesetas e 10% para dividir entre os restantes que tenham atingido o mínimo de 120 pontos, que se estabeleceu como limite para direito a prémio. No entanto, quando por acaso nenhum concorrente atinja esta pontuação, os prémios serão sorteados entre os que mais se tenham aproximado, pois nunca poderão ficar retidos».

O governo espanhol instituiu esta nova organização com fins exclusivamente benéficos e foi assim buscar ao entusiasmo dos desportistas uma verba semanal que se aproxima ao meio milhão de pesetas, sem conceder ao próprio desporto o mínimo benefício directo ou indirecto. É um critério.

Mas um outro critério que se nos afigura muito mais razoável e digno de estudo sobre as possibilidades de aplicação em Portugal, seria aquele que destinasse os lucros provenientes de um sistema semelhante de apostas

mútuas ao auxílio, expansão e apetrechamento do próprio desporto e seus organismos.

A contribuição a ninguém pesaria e a organização oficial do desporto conseguiria importantes fundos — que tanto se fazem desejar — sem o menor encargo para a Fazenda Pública.

Estrangeiros campeões de Portugal

A maior parte das federações que dirigem desportos individuais estabelecem nos seus regulamentos que a competição destinada a atribuir o título de campeão de Portugal é exclusivamente reservada aos portugueses.

Nos torneios de jogos de equipa as condições são diferentes — compreende-se facilmente porque não de ser mais tolerantes — e no próprio texto do decreto que regulamenta a Direcção Geral de Desportos se especifica que

podem ser incluídos estrangeiros nos grupos nacionais desde que o seu número não exceda um terço do total dos jogadores.

A doutrina que restringe a atribuição dos títulos nacionais aos indivíduos da nacionalidade é de uso corrente na grande maioria dos países e apenas nos recordam as excepções da Inglaterra e dos Estados Unidos. Parece-nos a mais lógica e racional.

A actividade desportiva dos estrangeiros residentes no país não será grandemente afectada pela exclusão dos campeonatos nacionais, pois lhes ficam abertas todas as organizações particulares e as restantes oficiais, incluindo os campeonatos regionais.

O campeão de Portugal deve ser por diversos motivos um português e só um português: por incentivo, por legítimo direito nacionalista, para que possa ser nas competições internacionais o primeiro e o mais representativo defensor das cores portuguesas.

Um estrangeiro campeão de Portugal não faz sentido, e assim como foi legislado em relação à sua presença nos jogos colectivos, devia também ser superiormente determinado e de forma geral que nos campeonatos nacionais de Portugal em desportos individuais só possam ser admitidos desportistas portugueses.

DESCEMOS as Ramblas — que são a Rua do Ouro da Barcelona — pitorescamente características, torneámos a doca grande pela Praça de Colombo e, cinco minutos depois de sairmos do hotel, o automóvel deixa-nos à porta das instalações do Clube de Natação de Barcelona, cujos amabilíssimos dirigentes nos haviam convidado para um banho nas águas cálidas do Mediterrâneo.

O famoso clube catalão, nestes dias estivais em que o calor mais apertado, oferece aos que o frequentam os regalos de um paraíso; ali dentro, o «maillots de banho é o traje de rigor, na piscina ou no mar a água é uma convidativa tentação, os terraços, local agradável para os amadores do sol e do exercício ao ar livre.

A piscina de Inverno, naturalmente coberta, estava na ocasião pouco frequentada; grande massa

O QUE NOS FALTA EM LISBOA

A dez minutos do coração da cidade o Clube de Natação de Barcelona oferece aos seus associados uma piscina, magníficas instalações e uma praia privativa

dos nadadores reunira-se na praia privativa do clube, um troço de extensão aproximada a uns duzentos e cinquenta metros e fechado nos topos por um promontório rochoso e por uma paliçada que confina com a praia popular de S. Sebastião, onde aos domingos se reúne uma multidão incontável de gente.

Neste vasto espaço, os sócios do Clube são senhores absolutos e aproveitam largamente desta possibilidade; são cerca de 8.000 e mais não são ainda, porque houve a necessidade de dificultar a en-

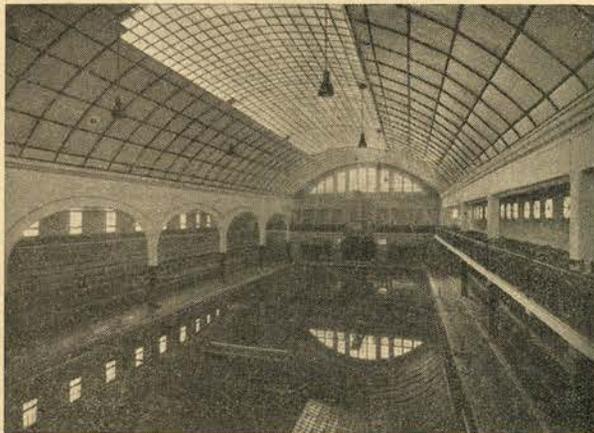
trada em face da insuficiência das instalações. No entanto, os vestiários, apetrechados da melhor maneira, podem comportar ao mesmo tempo quase meio milhão de pessoas.

A qualquer hora do dia encontramos animada frequência; sobre a areia grossa da praia algumas centenas de corpos estendidos coram ao sol, enquanto muitos outros nadam nas águas mediterrâneas, cuja temperatura se pode comparar à das nossas praias algavias, tépida, orçando por dez graus a mais do que o mar do Estoril.

As coberturas das amplas edificações clubistas foram aproveitadas para instalar frontões, onde nunca faltam amadores da pelota, jogando a mão nua animadas partidas. Noutros terraços inferiores, que prolongam sobre a praia a sede social, não há um lugar vago na esplanada do restaurante.

Claro que, nestas condições, toda esta gente sabe nadar; senhoras e homens, crianças em profusão — as mais pequeninas acompanhando as mães — oferecem-nos o agradável espectáculo de um bem-estar salutar, facilitado pelas circunstâncias que lhes permitem aproveitar assim os momentos livres, a qualquer altura do dia, entre as horas de trabalho ou das ocupações domésticas.

Saimos, com saudade, do Clube de Natação; e invejámos os barcelonenses, lembrando o que Lisboa também poderia ter e ainda não tem.



A piscina coberta, com lugares para 5.000 espectadores

SPORTING-BELENENSIS

os 2 grandes fazem um empate



O Belenenses ataca, mas Azevedo defendeu o lance

O ataque dos azuis foi muito bem delineado mas com a sua agili-
dade Azevedo afasta o perigo



O jogo entre «leões» e belenenses foi
rijamente disputado

Momento de perigo. Azevedo,
e o seu golpe de vista



Perto das redes sportingistas



UMA boa jornada de propa-
ganda de natação, a
Travessia do Tejo, que
no passado domingo a
Associação de Nataçao de Lis-
boa fez disputar e a que con-
correram tres dezenas
de nadadores. E' uma prova
com sua história desportiva e
que constitui uma boa soma
de recordações. Assistindo à
Travessia do Tejo vem por
força à memória esses pri-
meiros tempos da nataçao
portuguesa, de um fraco ni-
vel técnico e certo, mas de
grande entusiasmo.

Este ano a prova não contou
com alguns dos melhores da
nataçao, seleccionados para
disputar em Tenesife o Portu-
gal-Espanha. Mas em por isso
a Travessia perdeu interesse.
Houve até certo equilibrio en-
tre os nadadores que se lan-
çaram à água na Trafaria,
entre os quais tres nadadores,
a sportingista Maria Helena
Lopes Mendes, Maria Celeste
Teles, do Algés, e Lucilla
Angeja que fez a prova «por
fora» porque a sua categoria
de «princípios» não permite
a inscrição. E forneceu con-
tudo um momento interes-
sante esta nadadora, que
dia a dia vem afirmando as
suas grandes qualidades neste
desporto. Nadou, vontade,
impressionando pela facil-
dade de corrida e até porque
se deu ao luxo de nadar em
diversos estilos, até de costas,
chegando no entanto à meta
em 8.º lugar.

Jofre de Carvalho foi o
vencedor — 37,º e 9.º — e O-
scar Cabral o 2.º, 2.º e 14.º depois.
E com pequenos intervalos
foram chegando os restantes
20 nadadores, verificando-se
assim oito desistências, pre-
sentagem deminuta, já que



Revive-se uma tradição! E recordam-se feitos da nataçao portuguesa

o rio não estava nos seus melhores dias.
Mas, de todo o aspecto que forneceu esta
travessia, um se destacou, a prova feita pela
velha guarda

António Pala

E' dos tempos antigos da nataçao.
Figura conhecida do «meio», elemento
entusiástico do Algés e Dafundo, António
Pala — uma permanente boa disposição e uma
genica que os seus 59 anos não sentem. Gi-
nasta do Ginásio Club Português — um vicioso
dos saltos de mesa alemã — instrutor de na-
taçao obsequioso do Ginásio, da Mocidade
Portuguesa e da Escola de Pesca, António
Pala, que há 15 anos deixou de tomar parte
em provas de nataçao, surgiu na Trafaria
pleno de boa disposição e alegria, disposto a
vencer os 2.300 metros de rio. E chegou fresco,
à vontade. Falamos-lhe pouco depois. Estava
visivelmente satisfeito, ele e D. Margarida
Pala, a competente professora de nataçao,
que na Travessia de domingo foi a sua guia.

— Porque fez esta travessia?

— Quis ver o que dariam estes meus 59
anos e, na ideia de que fossem mais veteranos,
estabelecer um «record» de tempo para a
nossa categoria. Senti-me esplendidamente
em toda a prova. Melhor que nos meus tem-
pos das Travessias, onde muitas vezes se
dava o caso de ao chegar a meio rio começar
a ver Lisboa como que envolta em neblina.

Pois desta vez nem isso sucedeu. Pude fa-
zer ver que a «velha guarda» ainda é capaz
de fazer «coisas» e além disso animar a pro-
paganda da nataçao. Não me foi possível, po-
rém, nadar no meu estilo preferido, mergu-
lhando sempre a cabeça. As condições do
rio não o permitiam.

E António Pala, amável e falador evocou os
seus tempos, não esquecendo que sua esposa
foi a primeira mulher que em Portugal disputou
provas de nataçao. Quando isso foi Filipe Taylor,
que não acreditou que uma mulher fizesse a tra-
vessia, foi propositadamente no barco.

— A primeira tentativa da travessia do Tejo
foi iniciativa minha, em 1906. Tinha eu então 19
anos e queria fazer a prova ao contrário — de
Algés à Trafaria. E lá fui, nadando desde a então
praia do António Maria, aqui em Algés. Mas
fui parar longe. Em 1907 não estava em Portugal
mas na travessia do ano seguinte lá fui. Repre-
sentava a Real Associação Naval de Lisboa. Mas
nesse tempo a travessia era completa, até a água
nos dar pelo «joelhos» na praia.

— Conviveu portanto com todos os nossos
antigos da nataçao?

— Claro que sim. O Francisco Marçal, Carlos
Sobral, João Formozinho, Francisco Duarte, Pe-
nha Lopes, os Duarte Belo, tantos, tantos...

— Melhorou-se muito, tecnicamente?

— Multíssimo. Nesse tempo ninguém nadava
o «crawl». Hoje há mais estilo, nada-se muito
e conseguem-se tempos magúficos.

A velocidade é um dos aspectos mais valiosos
da nataçao portuguesa. E há dificuldade em
apontar nomes.

O grupo é muito grande. Mário Simas, Gul-
herme Patroni, Jeremias Simão, Pereira Bastos,
Belmiro Santos, muitos.

Voltará a fazer a travessia?

— A não ser que alguma doença me prejudi-
que, para o ano lá voltarei. Serão os 60 anos e
será então a última travessia. Que não se julgue
que fiz esta prova sem mais nem menos. Segui
uma preparação cuidada, observação médica e
uma série de treinos na piscina e no rio que me
foram dizendo as possibilidades.

Curioso este aspecto que nos forneceu a tra-
vessia do Tejo no domingo passado. E que belo
exemplo de desportivismo e de entusiasmo pela
causa da educação física nos deu este «rapaz» de
59 anos que ainda no ano passado tomou parte
no sarau do Ginásio, que não dispunha a sua gi-
nástica aplicada, os seus treinos na piscina do
Algés, os seus banhos no rio e uma vida feita
quanto possível sob os benefícios do ar livre.

Bravo António Pala. E até para o ano à tra-
vessia do Tejo. — F. S.



António Pala antes de iniciar
a prova

Em cima: os nadadores lan-
çam-se à água para inicia-
rem a travessia do Tejo



Jofre de Carvalho



Maria Helena
Lopes Mendes



O grupo dos nadadores. Ao lado as gentes nadado-
ras que fizeram a travessia: Maria Celeste Teles,
Maria Helena Lopes Mendes e Lucilla Angeja

Análise da temporada de 1946

IV — Corridas de fundo

O efectivo dos nossos corredores de fundo comporta presente-mente dois homens de boa classe—iguais ao melhor que tem aparecido em Portugal,—mas todos os restantes elementos estão em valor bastante distanciados e as perspectivas de renovação apresentam-se nebulosas e incertas.

Os melhores tempos conseguidos durante a temporada pelos novos corredores, na distância de 2.000 metros que lhes é reservada, embora animadores, pouco adiantam, porque os seus autores parecem melhor dotados para o meio fundo longo do que para as distâncias próprias de fundo, além dos 3.000 metros.

O sportinguista Eduardo Silva, com os seus 6 m. 6,9 s., nono resultado português, credita-se com proeza notável; dotado de excelente ponta final, batalhador enérgico, de estatura med, poderá ser corredor de fundo, mas está por enquanto muito longe de afirmar personalidade na categoria.

O mesmo diremos em relação ao belenense Joaquim Branco (6 m. 11 s., décimo resultado nacional) e menos ainda a respeito de José Araújo (6 m. 11,6 s.), que em 1945 obtivera melhor marca e não possui arcaboço para esforços demasiado prolongados.

Vejam-se de seguida, como temos feito anteriormente, os melhores resultados nas distâncias deste grupo:

3.000 metros: Afonso Marques (Sporting) 9 m. 19 s. (12-5); José António Ardjo (F. N. A. T.) 9 m. 21,4 s. (14-9) e 9 m. 23,6 s. (30-8); Joaquim Qaresma (Sporting) 9 m. 23,9 s. (9-6) e 9 m. 28,5 s. (12-5); Joaquim Branco (Belenenses) 9 m. 23,9 s. (9-6); Armindo Pereira (F. N. A. T.) 9 m. 24,1 s. (14-9).

5.000 metros: Afonso Marques (Sporting) 15 m. 25 s., recorde nacional (27-7); 15 m. 38,2 s. (13-7) e 15 m. 55,6 s. (7-7); João Silva (Benfica) 15 m. 35,7 s. (13-7), 15 m. 38 s. (27-7) e 15 m. 53,8 s. (7-7); Oliveira e Silva (Benfica) 15 m. 59,9 s. (13-7) e 16 m. 15,4 s. (7-7); Filipe Luis (Sporting) 16 m. 4 s. (13-7) e 16 m. 25,7 s. (7-7); Manuel Nogueira (Sporting) 16 m. 13,5 s. (13-7).

10.000 metros: Afonso Marques (Sporting) 32 m. 23,4 s. (28-7), 33 m. 28,4 s. (30-6) e 35 m. 35 s. (14-7); João Silva (Benfica) 32 m. 49 s. (28-7), 33 m. 18,2 s. (30-6) e 36 m. 34,2 s. (14-7); Oliveira e Silva (Benfica) 34 m. 35,4 s. (30-6) e 36 m. 59,8 s. (14-7); Filipe Luis, 36 m. 52,8 s. (14-7); Manuel Gonçalves (Benfica) 37 m. 6 s. (14-7).

Embora não conseguisse uma única vitória nos campeonatos em que participou em Portugal, pelo seu comportamento nas pro-

vas do encontro com os espanhóis, onde alcançou o título ibérico nos 10.000 metros e o recorde nacional dos 5.000 metros, Afonso Marques foi a figura dominante da temporada.

Muito novo ainda, apenas 21 anos, o sportinguista prova uma classe de há muito reconhecida pelos técnicos, mas que fora sempre barrada do primeiro plano pela supremacia do seu grande rival João Silva; robusto, dotado de invulgar resistência física, Marques merece ser cuidadosamente guiado e preparado, porque é um dos mais certos valores—valor de categoria internacional—do nosso pouco rico atletismo.

Está cheio de defeitos a correr; pesado, lutando tudo em força, com péssima posição da cabeça e do tronco, admira como consegue, mesmo assim, tão bons resultados. Onde chegará, quando corrigido?

João Silva não ficou diminuído

NO intuito de impulsionar a Causa dos problemistas principiantes e iniciados, promovemos há poucos meses um torneio de características inéditas, dedicado aos novéis compositores portugueses, espanhóis e brasileiros.

Um conjunto de circunstâncias, porém, impediu que os problemistas ibéricos nos pudessem prestar, em escala elevada, e naturalmente prevista, a sua valiosa colaboração. O «match» Portugal-Espanha—outra iniciativa da «Stadium»!—absorve por demais a atenção geral—e em especial a dos novéis compositores, a quem está confiada a representação das cores das duas facções. Tal facto obriga-nos a prorrogar o prazo para a entrega dos originais, dando tempo a que termine o período de composição para a prova peninsular.

Esta alteração sugere-nos uma revisão do regulamento do torneio, numa tentativa de aumentar o atractivo da competição. E' a seguinte:

O prazo para a recepção dos originais expira impreterivelmente no dia 31 de Dezembro de 1946. A admissão é livre para todos os associados de Sociedades de Problemistas de qualquer nacionalidade, desde que observem as seguintes regras.

O número de distinções obtidas, no momento da remessa dos problemas concorrentes, não poderá exceder a seguinte tabela de valores:

1 prémio, ou 2 menções honrosas ou 3 «recomendados».

E' ilimitado o número de problemas que pode enviar um concorrente que não obtive ainda distinção alguma em concursos normais; os autores que estejam dentro do limite da «tabela de

com as derrotas de Barcelona; em má forma física, que já em anteriores saídas deixara aperceber, acasou em demasia os transtornos da viagem e, na prova do sábado, o andamento batalhador e muito mais rápido do que estava habituado. Prova, porém, um temperamento voluntarioso, que lhe valeu as mais melhores e mais justas referências. Do seu duelo com Afonso Marques na época próxima, dado que este adquiria confiança nos seus recursos, pode esperar-se a descaída de todos os mínimos portugueses de fundo.

Oliveira e Silva, o terceiro homem do ano, progredia bastante, mas está ainda muito longe da bitola dos dois campeões, que não parece fadado para atingir. É, no entanto, o único novo que demonstra já estofo de corredor de fundo.

Todos os outros concorrentes, que alcançaram direito a uma referência, são corredores já

feitos e «com o destino traçado». Em Manuel Nogueira deve admirar-se apenas o desportivismo e o interesse pela modalidade; Manuel Gonçalves, especializado nas grandes distâncias, não tem condições para melhorar as suas marcas; só Filipe Luis, que reapareceu e conseguiu os seus melhores tempos de sempre, nos consente a vaga esperança de que venha a figurar na fileira imediata aos dois campeões da vanguarda.

Continua a registar-se a completa ausência de valores da especialidade no atletismo norte-nho; todos os corredores de fundo classificados durante a época pertencem a Lisboa.

O facto é difícil de explicar, como estranho pode parecer a escassez de participantes numa categoria em que outrora eles abundavam.

As razões devem ser duas: uma, de ordem económica, será a natural defesa dos clubes contra cooperações desinteressadas demasiado dispendiosas; a outra é uma deficiência de propaganda nos meios populares, que sempre forneceram quase em exclusivo os valores para este género de provas.

No interesse do próprio recreamento deviam os clubes organizar, com as devidas precauções e fiscalização, frequentes provas populares de fundo.

Salazar Carreira

XADREZ

O NOSSO CONCURSO

de problemistas novéis

valores» só poderão concorrer com 1 problema, mas se tiverem menos classificações (uma menção ou 2 recomendados), poderão ser 2 os problemas concorrentes.

E' necessário que o autor indique, além das declarações habituais, o nome e endereço do secretário da «Sociedade» a que pertence.

Este concurso é reservado para problemas de mate em dois lances, tema livre.

São instituídos 3 prémios em bibliografia.

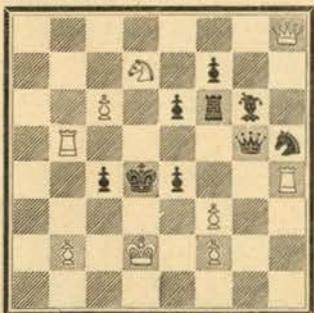
Somente se tomarão em atenção as distinções porventura obtidas por problemas compostos antes do dia 1 de Janeiro.

Os resultados do 1 Concurso

E. Puig Ambrós

(Badalona)

S. E. P. A. — Julho de 1946



2 X

Concurso Temático espanhol

O último número da SEPA (Boletim da Sociedade Española de Problemistas de Ajedrez) anuncia a abertura do VII Concurso Temático, proposto por E. Puig Ambrós, vencedor do Torneio anterior, como «Stadium» noticiou.

A análise do problema que hoje inserimos, facilita a compreensão do tema, cujo original enunciado é o seguinte:

«As brancas no lance chave interceptam uma linha branca despregando uma peça negra e cerram uma linha negra, o que permite uma ameaça. A peça negra despregada abre, por sua vez, uma linha negra como defesas».

Resumo: linhas interceptadas na chave (1. Ce5); Dh8 e Dg5. Ameaça: 2.Dd8. As jogadas da torre despregada determinam 3 aberturas negras temáticas.

Afigura-se-nos tratar-se dum tema claro e acessível a grande parte dos compositores.

Os problemistas portugueses decerto não deixarão os seus créditos por mãos alheias!...

Os envios devem ser dirigidos a D. José Iborra, Plaza Valera, 9, Sax (Alicante), antes de 30 de Novembro próximo.

|| NOTA DA SEMANA ||

ATRIBUI-SE ao escritor francês Ajonso Karr a seguinte frase espirituosa, que contém alguma verdade: «a heráldica seria a mais inútil e absurda das invenções humanas se, acaso, não houvesse a filatelia».

Pois bem. É caso para pensar o mesmo de certos organismos desportivos cuja actividade, longe de servir e apoiar a causa e os praticantes, se empenha em criar-lhes dificuldades, preocupando-se, acima de tudo, com extorquir dinheiro aos filiados.

Um exemplo flagrante é o da Federação Inglesa de Boxe e o da sua atitude para com Ronnie James, pugilista profissional, detentor do campeonato da Grã-Bretanha.

James foi convidado a seguir para a Austrália a fim de pôr em disputa o título de campeão do Império Britânico contra Vic Patrick, no Estádio de Sydney.

A compensação financeira, muitíssimo agraente, pode trazer a James um benefício líquido de 8.000 libras.

Estava tudo pronto, por parte do campeão de Inglaterra e dos empresários australianos, quando a Federação se lembrou de intervir, exigindo que o titular lutasse, antes da partida, com um vago pretendente ao título: Stan Hawthorne.

O cuidador dos interesses de James acusou a Federação de fazer ditadura, acrescentando: «se for permitido ao organismo dirigente impor datas e locais dos combates, os pugilistas perdem as únicas liberdades que lhes restam...»

Por sua vez, a Federação Inglesa, acossada e encostada à parede, apresentou a seguinte proposta de arranjo: as autoridades civis do Estado da Nova Gales do Sul nomearem um delegado que fará cumprir os regulamentos em vigor; o nome do árbitro depende da aprovação da Federação Inglesa e a empresa depositará 2.000 libras, como garantia de que o pugilista será pago integralmente.

Estas medidas eram absolutamente desnecessárias e apenas pretendem cobrir uma retirada forçada, salvando a face da Federação. Por elas se vê que o aspirante Hawthorne era um pretexto simbólico e nada mais.

Certos organismos dirigentes são assim e a Federação Inglesa (como a heráldica) seria uma invenção infeliz se não houvesse outras mais lamentáveis e do mesmo jaez nos cinco continentes do globo terrestre.

R. B.

BOXE

O campeonato europeu dos «pesados»

A situação pugilística internacional parece tender a normalizar-se pouco a pouco.

Agora, chegou a vez de se concertar um desafio eliminatório entre o campeão de Espanha de todas as categorias, Paco Bueno, e o campeão da Suécia, Olle Tanberg, que foi titular europeu durante a guerra.

A luta realizar-se-á em Estocolmo, no dia 1 de Novembro, devendo o pugilista hispânico receber 400 libras de prémio pecuniário. As probabilidades favoráveis inclinam-se para Bueno, em teoria. Vencedor de Luis Musina, que derrotou Tanberg anteriormente, o campeão de Espanha progrediu sensivelmente desde aquela data e encontra-se hoje na sua melhor forma.

O vencedor daria um adversário excelente para Agostinho Guedes, agora entre nós, aureolado com as vitórias que obteve nos Estados Unidos.

Tony Zale continua titular mundial

O pugilista Tony Zale continua campeão do mundo dos «médios», depois de derrotar por fora de combate o sexto assalto o seu perigoso e difícil desafiante, Rocky Graziano.

Zale, cuja carreira o acredita como pugilista de mérito absoluto,

replicou aos ataques do pretendente com tanta galhardia como talento. A imprensa americana, elogiando o vencedor, afirma que o Yankee Stadium, de Nova York, foi teatro de um combate excepcionalmente brilhante. O público dispensou a Tony Zale uma tremenda ovação.

Cuidado, Marcel Cerdan!

O campeonato italiano dos semi-pesados

O italiano Luis Musina perdeu o título de campeão dos meio-pesados ao seu país ao abandonar a luta no 6.º assalto do combate que travava com Henriqueta Bertola.

Musina, depois de haver sido chamado à ordem pelo árbitro, devido a um golpe que aplicara com a cabeça, enfadou-se e desistiu.

Bertola tem pouca fama internacional, mas parece que bate com uma força tremenda. Espera-se que um jogo desforra esclareça melhor a supremacia em disputa.

CONDIÇÕES DE ASSINATURA

Custo por número...	2\$00
3 meses, Esc. ...	26\$00
6 » » ...	52\$00
12 » » ...	104\$00



FUTEBOL

NA GRA-BRETANHA:

duas vitórias do «onze» da Inglaterra

DUAS vitórias — a primeira, pelo resultado copioso de 7 bolas a 2, sobre a Irlanda do Norte (Ulster), e a última por 1-0, à custa da Irlanda do Sul (Eire) — eis o saldo positivo, creditado a favor do grupo representativo da Inglaterra, no balanço das actividades futebolísticas da semana.

O triunfo de Windsor Park, em Belfast, no derradeiro domingo de Setembro, foi conseguido com tal desenvoltura e supremacia, que, logo, a crítica espalhou pelas colunas dos jornais optimismo e louvores a jorros.

Roy Peskett diz, por exemplo: «o comportamento dos ingleses foi quase uma perfeição, no género daquilo que se aguardava há muito e era de esperar por parte dos melhores futebolistas de todo o Mundo».

O grupo manifestou uma grande confiança nos seus recursos, dominando desde o começo até final. O avançado-centro, Lawton, entre outras proezas, bateu três adversários no espaço de três metros e passou maravilhosamente a Mannion, interior-esquerdo.

Carter, no papel de interior-direito, conduziu a linha dianteira ao ataque sem quebra nem desfalecimentos; Tom Finney, a extremo-direito, fez esquecer a ausência do incomparável Matthews; Mannion foi marcador sedento e insaciável; Cockburn e Langton, este a extremo-esquerdo e aquele no lugar de médio do mesmo flanco, salientaram-se fortemente.

Os tentos ingleses foram alcançados no 1.º minuto (Carter), ao 17.º e 31.º (Mannion), ao 58.º (Finney), 60.º (Mannion), 84.º (Lawton) e 87.º (Langton). Os dois goals da Irlanda, obtidos pelo ponta, Lockhart, registaram-se ao 76.º minuto e a dois minutos do apito final.

Após este sucesso, que 57.111 espectadores, comprimidos ao máximo, presenciaram impacientemente, veio o duche frio da árdua e escassa derrota do Eire. Apenas um tento a zero contra o grupo irlandês, que dominou durante a segunda parte e merecia a vitória.

A sorte pendeu para o lado inglês e mostrou-se madrastra para os jogadores da verdejante Eire. Depois de quarenta e cinco minutos iniciais de jogo indolente e sem rasgos de interesse, a multidão, que se reunira no Dalymont Park de Dublin, entou em coro incitamentos aos seus compatriotas e daí por diante os ataques do grupo irlandês sucederam-se em avalanche. Conduzidos por Stevenson e pelo Dr. O'Flanagan, os visitados assediaram a defesa bri-

tânica sem lhe dar tréguas. A linha dianteira, tão magnífica contra a outra Irlanda, na véspera, soçobrou sem glória. Só Franklin e Hardwick batalharam com desespero para tolher o passo aos «demónios verdes», que falharam goal certo em três ocasiões.

Carter e Finney pareciam medusados; Lawton empenhava-se em reorganizar o quinteto, mas Mannion fazia fogo pessoal e só Langton respondeu aos seus apelos.

A Irlanda, para cúmulo, em posição desfavorável, porque o back, Hayes, se magoou e veio jogar a extremo direito, obrigando o conjunto a deslocar mais três jogadores, varria a zona perigosa dos ingleses sem a menor trégua.

A oito escassos minutos do alvo derradeiro, após os irlandeses terem atirado sobre a barra e o guarda-redes da Inglaterra haver largado a bola por duas vezes, em situações de emergência, Finney rematou um passe de Mannion, que Lawton, inteligentemente, deixou seguir e fez o único tento do desafio.

Vitória difícil, contra aquilo que se denomina a corrente do jogo, abonando pouco a capacidade realizadora do onze representativo da Inglaterra.

O Sparta, de Praga, empata com o Arsenal

OS jogadores checo-eslovacos do famoso clube Sparta, de Praga, conseguiram um empate com o não menos célebre clube londrino, Arsenal, no terreno de Highbury.

No fim dos noventa minutos, o marcador registava um empate a duas bolas, mas os visitantes da Europa Central mostraram-se lentos na concepção e execução das jogadas.

O Arsenal desenvolveu um jogo modesto, por falta de Bryn Jones e inexperiência de Gudmundsson. O primeiro tento dos ingleses foi marcado pelo veterano George Male, rematando um pontapé de canto. Depois, o magnífico defesa checo, Seneky, marcou contra as suas próprias cores.

A 20 minutos do fim, o defesa do Arsenal, Joy, saiu do terreno com um ferimento na cabeça. Os checos passaram desde logo a forçar o ataque e Zmatlik marcou o primeiro ponto, seguido de outro, hábilmente colocado por Hajek.

A defesa dos visitantes, em particular o guarda-redes, Iorak, mostrou-se esplêndida. Outro tanto se pode dizer do avançado-centro, Hajek.

O Sparta, agora em viagem pela Inglaterra, defrontará o Birmingham e o Derby County, bem como os grupos escoceses Hibernian e Rangers.

A equipa da "ILUMINANTE" teve magnífico comportamento na "VOLTA à GALIZA" em bicicleta

REGRESSARAM já a Lisboa os corredores da Iluminante que, recentemente, disputaram com asina-lado brilho, a «Volta à Galiza» em bicicleta. José Martins e Djillali ostentam ainda sinais das quedas que deram e que em relação ao primeiro, tiveram o desastroso efeito de o obrigar a desistir. O marroquino, por seu turno, foi prejudicado na classificação, que em condições normais deveria ser bem melhor. Apesar da dureza da prova — regra geral as corridas em Espanha são sempre difíceis — e do ambiente, que embora amigo não era o habitual, os ciclistas da Iluminante colocaram-se na classificação em condições de honrarem o triunfo colectivo da «Volta a Portugal».

Driss foi o 4.º, Jorge Pereira o 7.º e Djillali o 12.º.

Com os corredores veio também Artur Carvalho, elemento de grande dedicação no clube, que em Espanha foi o delegado da equipa.

São dele as declarações que reproduzimos e através das quais pode formar-se melhor ideia da actuação brilhante dos ciclistas.

— A competição, começa por nos dizer Artur de Carvalho, foi difícil, dura, com muitas subidas e à excepção do troço entre a Corunha e Vigo, disputada por estradas em mau estado.

Acresce que, durante a «volta», choveu muito, o que, além de tornar mais penoso o esforço dos concorrentes, tirou brilho à prova. Na Corunha a água caiu em abundância, afastando o público da chegada e do Estádio do Riazor, onde se efectuou uma reunião de pista.

— De pista, no Riazor?

— Sim, Sr. na pista de atletismo, onde se pôde correr sem prejuízo!

Ambos rimos, lembrando-nos das dificuldades que se puzeram à utilização da pista do Estádio Nacional... Adiante.

— Na Galiza há muito interesse pelo ciclismo, como tive ocasião de verificar. O público seguiu a corrida com o maior entusiasmo e vibrou com os êxitos dos seus conterrâneos da família Rodríguez.

— Qual o melhor dessa já famosa família?

— O Emílio, evidentemente. Excelente trepador teve ainda a sorte de fazer toda a prova sem um furo.

Exactamente o contrário do que sucedeu à nossa equipa, cujos três homens que concluíram a «volta» registaram 37 furos!

«O Pastor é também bom ciclista e o Manolo, o mais novo dos quatro, o outro é Delio que não correu, parece ser elemento de muito futuro. Por agora, com 19 anos, é um manancial de promessas.

Artur Carvalho continua:

— A nossa equipa foi muito infeliz. A queda de José Martins privou-nos de uma boa classificação, pois não tenha dúvidas de que ou ganharia ou ficaria entre os tres primeiros.

«O acidente desmoralizou os companheiros, tanto mais que os tripulantes do carro-oficina lhes foram dizer que Martins... estava a morrer! O Djillali, por exemplo, foi o 23.º e dois furos não justificaram o atraso. E a série de sucessivos desastres?

O nosso informador interrompe por instantes as suas declarações. E quando as relata é ele próprio que responde à sua pergunta:

— Além dos 37 furos a que já aludi, Jorge Pereira fez grande parte da etapa Ribadeo-Ferrol com um pedal partido e Djillali, na tirada para Vigo, partiu uma roda e ficou seriamente lesionado num braço. Um dos furos de que Jorge Pereira foi vítima surgiu na pior altura. Iamos a caminho de Vila Garcia, onde se fazia paragem; e o Jorge seguia isolado. Pois furo a 400 metros da meta!

«Tudo influiu na nossa classificação, sem falar das muitas coisas em que as provas espanholas são ferre-

teis...

— Quanto à organização?

— Pode considerar-se boa, ainda que entre os ciclistas e os dirigentes, e mesmo entre estes, não haja o ambiente de camaradagem que é sapanio da nossa «Volta a Portugal».

«Fomos sempre bem tratados. A nossa equipa era a única estrangeira que disputava a prova e independentemente desse facto os galegos são bons amigos dos portugueses. Para eles até o Driss e o Djillali eram portugueses... porque representavam um clube português...

«Tivemos um convite para tomar parte numa reunião na pista do Estádio de Riazor, na Corunha, o qual não aceitámos para não demorarmos o regresso a Portugal.

O delegado da Iluminante na «Volta à Galiza» acrescenta:

— Estamos gratíssimos às autoridades portuguesas e espanholas pelas facilidades que nos deram na passagem da fronteira. E aos organizadores queremos testemunhar o nosso reconhecimento, pois adiaram por uma hora a partida de Orense afim de ser possível à nossa equipa disputar a corrida.

— Como assim?

— É que Dr. José Maria Cardoso e eu ficamos retidos um dia na fronteira e só chegamos a Orense meia hora depois da marcada para a partida. Os corredores não tinham camisolas e faltava-lhes o material que conduzíamos no carro que ia servir para apoio durante a competição...

E Artur Carvalho termina assim a entrevista:

— Os corredores da Iluminante, por nosso intermédio, manifestam a sua mais profunda gratidão ao Sr. Dr. José Maria Cardoso, que foi incansável e dedicadíssimo. Ao José Martins fez, em plena estrada, uma autêntica operação de cirurgia estética e a todos prestou o mais desvelado auxílio.

Foi ele o verdadeiro médico da prova, prestando os seus serviços indistintamente sempre que eram necessários. Uma velhota, atropelada por um veículo da organização, recebeu dele os primeiros socorros.

Devíamos estas referências ao ilustre clínico. Fazê-las é praticar um acto de justiça.

Manuel Mota



A chegada a Ferrol.

Driss é chamado a falar ao microfone



Jorge Pereira ao concluir uma etapa diz pela rádio as suas impressões de «Volta»

O Clube Desportivo Lousanense



O futebol na provincia continua o seu grande movimento de propaganda, despertando interesse e entusiasmo. O «team» do Club Desportivo Lousanense contribui da melhor forma para esse interesse na sua região, não só pelas suas boas actuações como pelos resultados obtidos com agrupamentos de valor que tem deontado

Uma parelha de BANDARILHEIROS

DA última corrida que vimos em Madrid há que destacar, além do grande êxito de "Pepin" no elegante de que cortou as duas orelhas, o de Luis Suarez "Magritas" que em dois pares de bandarilhas mereceu ovações repetidas, o que hoje já raras vezes acontece neste "tercio". Há anos outro bandarilheiro saiu em ombros da Praça de Madrid, Joaquim Manzanares "Mella", que com "Magritas" formou perelha famosa, tão famosa como a que o primeiro antes formou com Rodas. Este último nome evoca outra famosa parelha que andou por Portugal, a de Rodas e Moyano. E bem necessária seria em Portugal a presença de uma boa parelha de bandarilheiros que, não como mestre, mas como bons competidores, despertassem o desejo de maior perfeição em alguns portugueses bem dotados para a sorte, como Rogério e Amaro, para só falar de alguns dos mais novos. Sabido que em Portugal tem especial interesse a sorte de bandarilhas, natural é que se cuide do seu aperfeiçoamento, não a relegando para o plano a que chegou em Espanha por parte de bandarilheiros que apenas têm em vista a brevidade. Teodoro Gonçalves e Jorge Cadete beneficiaram da competição com Rodas e Moyano. Daniel de Nascimento e Costódio Domingos bandarilharam em competição com "Rafaelillo" e "Magritas". Este último, agora com "Maera", poderia contribuir para o aperfeiçoamento de novos bandarilheiros portugueses, como aconteceu com o desditoso Joaquim Moça que brilhou ao lado de espanhóis e mexicanos. Numa época em que raros matadores de touros sabem bandarilhar, impõe-se em Portugal a presença de bandarilheiros estrangeiros que estimulem os nacionais. E a parelha "Magritas"- "Mela" afigura-se-nos a mais indicada para o fim em vista. Que dizem os empregários?

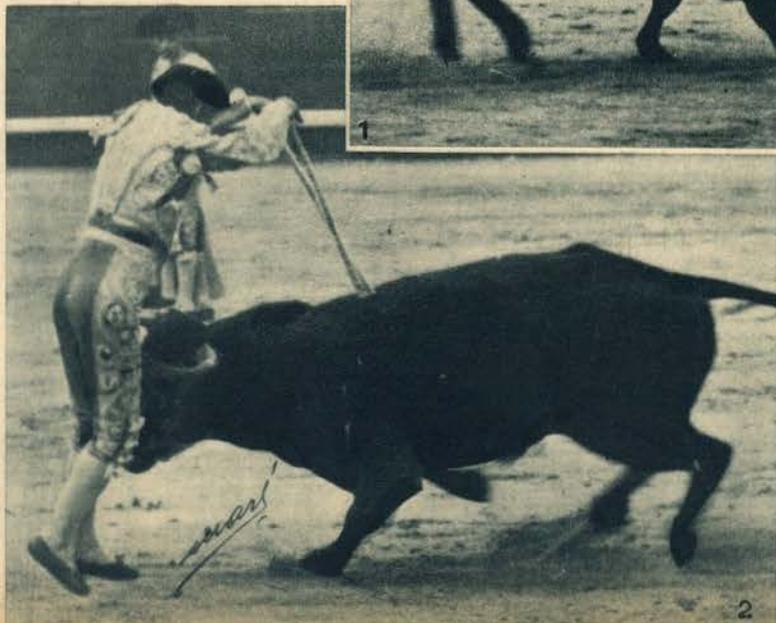
"El Terrible Pérez"

1 — Mella que sabe castigar quando os touros requerem castigo, limita-se a apontar os ferros que o touro se encarrega de cravar com o dorrote e a viagem. A sorte assim praticada, suave e delicadamente, resulta de uma harmonia surpreendente, bela.

2 — Assim bandarilham ao quarteiro «Magritas» e «Mella», quadrande-se bem e aguentando, como se na célebre fotografia de Tamplona afigurando-se difícil a saída a que depois corresponde a ovação grande porque a sorte de bandarilhas, ainda que discutida, tem beleza e até emoção.



Luis Suarez «Magritas» e Joaquim Manzanares «Mella», a grande parelha de bandarilheiros que evoca as antigas, como a que o primeiro formou com Rodas, filho daquele outro que com Moyano andou por cá, como por cá ainda aparecem os filhos deste último.



A Feira de Vila Franca

Ao escrevermos estas linhas ainda não terminaram as corridas da Feira de Vila Franca, que começaram no domingo 6, com touros do sr. Manuel Santos Jorge para Simão da Veiga, José Casimiro, Gregório Garcia e Diamantino Vizeu, continuando na segunda-feira, 7, com touros do sr. José Pinto Barreiros para Simão da Veiga, Conchita Citron, Pepe Bienvenida e Diamantino Vizeu, e concluindo na noite de terça-feira também com touros do sr. Pinto Barreiros para João Nuncio, José Casimiro, Pepe Bienvenida e Juanito Belmonte. Destas corridas nos ocuparemos, em conjunto no próximo número, marcando pontos de vista que julgamos oportunos.

MOSAICOS nortenhos...

O LEIXÕES obteve um bom resultado contra o F. C. do Porto, mas não lão impressionante que mereça certos comentários. Já não é a primeira vez que o simpático clube de Matosinhos consegue surpreender o F. C. P., e até quando este possuía melhor equipa. E nem por isso o clube azul branco deixou de ser melhor, de nos representar com uma galhardia nunca igualada pelos seus colegas de região...

Que falta de serenidade para apreciar sem paixões.

♦ BARRIGANA, guarda-redes titular do F. C. do Porto, está realmente em grande forma. Nos dois jogos efectuados contra o Boavista e Leixões fez a delicia do público, podendo mesmo dizer-se que estes desafios valeram dinheiro só para o ver jogar.

Que os elogios de crítica o não perturbem, antes lhe sirvam de incentivo para se aperfeiçoar ainda mais.

♦ AS CATEGORIAS INFERIORES despertam já a atenção do público, que assiste interessado aos próprios jogos de manhã, enchendo os campos. É pena que os jornais diários do Porto, que tanto espaço dedicam ao desporto, principalmente à segunda-feira, não prestem alguma atenção a estes encontros. A indicação dos jogadores utilizados, pelo menos, seria bem recebida.

♦ A NATAÇÃO, com os seus críticos... ou a crítica, vida de tal desporto, nesta cidade! Quando não se fazia nada em condições, por falta de nadadores e de interesse no público, — criticava-se. Agora, que apareceram alguns bons valores — critica-se o clube que os possui...

Preso por ter cão...

Lido isto, até parece que é caso novo, em Portugal, a existência de atletas de várias regiões aqui e além. Até parece que o Carlos Mala é da Foz ou de Leixões, que o António Agostinho da Costa foi «tripeiro...» Que o Jeremias da Conceição ou o Mário Simas nasceram no Estoril...

Interessa que se faça natação. Que por via do venho de uns se chamem outros! Venham do Norte ou do Sul. Julgamos que, ao fim e ao cabo, — sairá valorizada a modalidade em Portugal, e é isso que se pretende. Quem falaria de Jeremias Simões, por exemplo, entre que a si próprio, isolado, nos Açores? Não veio melhorar a nossa equipa nacional, depois de aprender mais do que sabia, graças às provas e sérias competições a que foi submetido?

Acontecerá ou não o mesmo com os rapazes de Aveiro que estão no Porto? E se defendéssemos antes a obtenção de um bom professor, com o encargo de melhorar ainda as suas boas possibilidades...

O martírio do andebol

O Futebol Clube do Porto, como havíamos denunciado oportunamente, não se inscreveu na Associação de Andebol desta cidade. Isto quer dizer, pura e simplesmente, que um dos desportos mais populares na capital do Norte se perderá, digam o que disserem agora os responsáveis pela actual situação.

Confrange a insensibilidade das pessoas e entidades que provocaram tal estado de coisas, e hoje se prova, uma vez mais, que a falta do antigo campeão nacional no torneio máximo do ano findo não representava cúme por se ver batido. A história da intervenção de certos elementos há-de fazer-se, mais tarde ou mais cedo, embora possivelmente quando não houver remédio para o mal.

O andebol portuense e nacional vai sentir a diferença. O perigo que adivinhávamos, se quem de direito não tomar providências, vai manifestar-se bem duramente, porque disso nos não restam dúvidas. Não quiseram as pessoas que contribuíram para a atmosfera nervosa e irreconciliável do ano findo abater bandeira, reconhecendo, pelo menos, a vantagem de confiar a outros a direcção dos acontecimentos. Sabemos que se obteve ainda a promessa de uma intervenção decidida, que na altura teria resolvido o incidente, mas outros critérios apaixonados e já por demais conhecidos conseguiram vencer. Assim, pôde chegar-se a tal estado de coisas.

Não diremos aqui, evidentemente, que a atitude agora tomada pelo F. C. do Porto esteja dentro das suas obrigações de colectividade com 40 anos de acção desportiva. Nem lhe damos absolvição absoluta, porque poderia inferir-se do escrito e de outros que temos produzido estar a nossa pena ao seu incondicional serviço. Nunca aconteceu nem acontecerá. Se não tivéssemos conhecimento de atitudes incorrectas e propositadamente aciniosas neste caso de andebol, não viríamos em sua defesa.

Mas o F. C. do Porto tem direitos adquiridos, e esses foram postos de lado e até espezinhados por elementos bem responsáveis. Quando se verificar, e não será tarde, infelizmente, que o andebol foi altamente prejudicado e interrumpida a sua expansão no Porto e até por todo o país, veremos se estas palavras de censura podem ou não ajustar-se a uma série de atitudes indelicadas, egoístas e dignas da reprobção geral.

40 ANOS REVISTA DA SEMANA

NÃO se deu por qualquer festa comemorativa destes 40 anos do F. C. do Porto. O clube fundado por José Monteiro da Costa e que para a cidade capital do Norte tem conduzido muitos troféus, glórias e campeonatos, por certo envolvido em problemas complicados, aqui e além esquecidos lamentavelmente, não pôde preparar sequer o mais modesto dos programas festivos.

Seja como for, lembraremos aos desportistas portugueses que passou recentemente o 40.º aniversário do mais popular clube desta terra. Lembrámos há dias os 70 anos do Fluvial. Hoje, cabe a vez ao F. C. do Porto, que, através dos seus oito lustres de esforçado labor desportivo, se conseguiu tornar estimado por quantos sabem reconhecer sem esforço as virtudes elhietas.

Infelizmente, a despeito de todo o trabalho cuidadoso dos seus atletas e dirigentes, ainda não conseguiu resolver alguns dos principais problemas. Talvez tivesse retardado uma festa que não costuma ser esquecida pelos seus dirigentes com o propósito de a rodear de notícias mais alegres e há muito esperadas pela sua felange amiga. Talvez, sim...

Todavia, certo, certo — passaram 40 anos sobre o F. C. do Porto, o grande clube desta cidade. Cumprimentemo-lo.

FUTEBOL — Se o F. C. do Porto conta só com o saber demonstrado contra o Académico, pouco agradável lhe poderá ser a época. A sua equipa é nitidamente inferior à da época passada, apenas havendo elogios para Guilherme e Barrigana, de facto em boa forma.

O ataque não teve talento para marcar qualquer ponto contra o Académico! Guilherme foi o autor do «goal» do seu clube... Além do mau «team» que denuncia possuir, parece-nos a gente do F. C. do Porto sem comando e... vontade.

Ao contrário do Académico, que foi animoso, persistente, fazendo tudo por um resultado que mereceu (empate 1-1).

Todos os parabéns para o Boavista. O clube do Bessa, é negável, possui hoje a equipa mais equilibrada do Porto. A sua vitória sobre o Leixões, por 2-1, coloca-o numa posição invejável, visto que na segunda volta receberá o clube matosinhense.

A vitória do Salgueiros sobre o Leça, por 3-1, também deverá influir na classificação. O clube dos encarnados, com este resultado, pode ter dado um bom passo para se afastar do último lugar. E agora — atenção à luta Boavista-Académico...

A INFELICIDADE DO SALGUEIROS

A infelicidade que pode aponter-se ao Salgueiros, um dos mais populares agrupamentos desta cidade, com uma história cheia de sacrifícios e de contrariedades, não vai ser invocada pelo facto «simples» de haver perdido este ou aquele jogo por números expressivos.

Embora as derrotas que lhe baterem à porta tenham aparecido como sequência do que lhe acontece, preferimos falar dos motivos que estão na origem dos seus desastres, sinceramente lamentados pela gente desportiva do Porto.

Esta «gente desportiva», isto sem jello de campanha, começa a sentir com muito aborrecimento e natural alvoroço a maneira desdenhosa como é tratada em certas questões que lhe dizem respeito. Queremos ter serenidade para discutir este «caso do Salgueiros», como tantos outros que respallam ao desporto portuense, e desde já se promete não haver fiamância no trato de assuntos que importem em interesses da terra. Quando se oferece o ensejo de defender casos justos, não cedemos a nossa posição. Por isso voltaremos ao assunto.

Aborderemos o problema com a paciência evangélica que nos assiste e nos persevera nas ocasiões delicadas. Nem nos vamos dirigir a altos homens do desporto, nem se baterá aqui a tecla de uma perseguição que por certo está fora do pensamento equilibrado, sensato e inteligente dos mais bem colocados directores da bola nacional. Parlimos sempre do principio de que o seu espirito de justiça funcionou livre de partidismos, estranhas influências, e só neste campo nos agreda colocar os casos e as coisas.

O problema do Salgueiros pode muito bem transformar-se num assunto de ordem especial, e necessita que o estudem cuidadosamente aqueles técnicos destinados a sentenciar enterrados nos cómodos cadeirões de luxuosos gabinetes, sem lançar um golpe de vista sobre o passado de um clube, sobre os seus planos de rasgar a vida sacrificadamente, sobre a esperança de melhores dias que lhe negam — desfalcando-o, dando a outros o produto do seu esforço, da sua luta canserosa e honesta.

Desde o célebre «caso Rebelo», tão desgraçadamente resolvido, até um outro que recentemente foi comunicado ao Salgueiros a improficuidade manifesta dos seus propósitos de vencer, viram os portuenses que tudo é possível quando se acompanha com indiferença o complexo habilidoso dos clubes à cata de gente que não criaram. A diferença de tratamento que, por sinal, beliscou também vários clubes da cidade, pesou ainda mais no apoio que molestou e por muito tempo se recordará, embora julguem não haver motivo para tanto.

O público do Porto sente-se atingido, e, por mais alheado que o queiram manter, há-de lamentar a queda brusca de um dos seus clubes mais populares, que levanta os braços com abalimento, desalentado, com o desespero próprio de quem vê o futuro destruído.

32 NOVOS RECORDES!

no balanço geral das 42 provas dos Campeonatos Regionais de Corridas em Patins com evidência para nove atletas

DISSEMOS no último número que no recente campeonato do sul, de corridas em patins, havia sido batido o recorde dos recordes: porque nada menos do que catorze foram destronados... e ainda mais dois igualados! Pois no torneio do norte sucedeu melhor — verificando-se a queda, em 21 provas, de 18 recordes regionais! Quer dizer: nos dois campeonatos, num conjunto de 42 corridas, bateram-se 30 recordes e outros dois foram igualados! Em suma: temos agora 32 novos recordes — de Portugal, do sul e do norte.

Reflexo de trabalho intensivo, principalmente do Benfica, em Lisboa, e do Académico do Porto, no norte, sem esquecer e louvar a colaboração preciosa do Cascais, no torneio sadista, aquelas três jornadas de recostas podem concretizar-se num êxito absoluto de propagação da patinagem. E ocorre perguntar (ainda e sempre) como o temos feito por mais de uma vez: — de que serve o desinteresse manifesto dos outros clubes; e porque se não fomenta, com maior intensidade, o gosto pelas corridas em patins? Que resposta a esta interrogação quem puder... e souber dos «segredos» que se verificam nas respectivas secções de clube!

Nunca — como agora — se notou um êxito tão absoluto e concludente: nunca — como agora — se bateram tantos recordes; e também nunca, como agora, se evidenciaram tantos atletas no conjunto das duas competições regionais de corridas em patins. Está, pois, de parabéns a patinagem — modalidade desportiva triunfante e que parece querer trilhar caminho seguro e firme. Ainda bem. Que o ânimo não esmoreça aos paladinos da causa — são os nossos votos sinceros.

Dêem-se, portanto, a conhecer — porque é de inteira justiça — os nomes desses valorosos campeões-recorristas. Alguns figuram pela primeira vez nas listas: e essa simples circunstância deve ser-lhes motivo de satisfação e de incitamento ao trabalho. Mas os outros, apesar de já consagrados pelas tabas da fama, também não devem descuidar a sua preparação — para confirmações futuras, de valor e exemplo dignificante nos jovens. Os novos recordes — lista extensa que importa arquivar, apontando-se, entre parenteses, tempos e distâncias anteriores, com diferenças respectivas — são os seguintes:

SUL (também nacionais — Seniores: 300 metros — *Abílio Reis*, 37 s. $\frac{2}{10}$ (menos 1 s. $\frac{2}{10}$ do que Ventara Ferreira: 39 s. $\frac{2}{10}$ em 6/9/44 e com igual tempo em 8/10/45); 500 metros — *Carlos Ventura*, 1 m. 5 s. $\frac{2}{10}$ ($\frac{3}{10}$: *Abílio Reis*, 1 m. 5 s. $\frac{2}{10}$ em 8/9/44); 1.000 metros — *Reia*, 2 m. 15 s. $\frac{1}{10}$ ($\frac{1}{10}$: *Rogério Miguéis*, 2 m.

15 s. $\frac{2}{10}$ em 16/9/44); 3 x 200 metros — *Reia*, *Ventura* e *Joaquim Oliveira*, 1 m. 16 s. $\frac{6}{10}$ (1 s. $\frac{3}{10}$: mesmos atletas, 1 m. 17 s. $\frac{2}{10}$ em 23/9/45); 3 x 500 metros — *Reia*, *Ventura* e *Oliveira*, 3 m. 14 s. $\frac{4}{10}$ (1 s. $\frac{3}{10}$: *Reia*, *Miguéis* e *Ventura Ferreira*, 3 m. 16 s. $\frac{2}{10}$ em 15/9/44); 3 x 1.000 metros — *Reia*, *Ventura* e *Oliveira*, 6 m. 40 s. $\frac{4}{10}$ (8 s. $\frac{7}{10}$: *Leonel Costa*, *Miguéis* e *Rui de Montargil*, 6 m. 49 s. $\frac{1}{10}$ em 14/8/45); americana de 15 minatos — *Reia*, *Ventura* e *Oliveira*, 6.925 metros (mais 195 metros do que os irmãos Ventaras — *Carlos* e *António* — e *Oliveira* em 8/10/45). **Principiantes**: 300 metros — *Valdemar Ferreira*, 40 s. (menos $\frac{7}{10}$ do que *Pedro Antunes*: 40 s. $\frac{7}{10}$ em 23/9/45); 3 x 200 metros — *Valdemar*, *Raul Rodrigues* e *Augusto Albino*, 1 m. 18 s. (1 s.: *Reia*, *Eduardo Farla* e *Oliveira*, 1 m. 19 s. em 6/9/44); 3 x 500 metros — *Valdemar*, *Rodrigues* e *Feliciano Lira*, 3 m. 21 s. $\frac{1}{10}$ (7 s. $\frac{8}{10}$: *Antunes*, *Glória Costa* e *Manuel Leal*, 3 m. 28 s. $\frac{2}{10}$ em 25/9/45); americana de 5 minatos — *Valdemar*, *Rodrigues* e *Albino*, 2.250 metros (mais 25 metros do que *Antunes*, *Glória* e *Leal* em 23/9/45).

Juniões: 100 metros — *José Lisboa*, 14 s. $\frac{2}{10}$ (igual a *Albino* em 20/9/45); 300 metros — *Lisboa*, 39 s. $\frac{2}{10}$ (menos 1 s. $\frac{5}{10}$ do que *Reia*: 41 s. $\frac{4}{10}$ em 21/9/42); 500 metros — *Lisboa*, 1 m. 6 s. $\frac{7}{10}$ ($\frac{5}{10}$: *Reia*, 1 m. 7 s. $\frac{2}{10}$ em 25/9/42); 3 x 200 metros — *Lisboa*, *Fernando Cruzeiro* e *J. António Carvalho*, 2 m. 4 s. $\frac{2}{10}$ (1 s. $\frac{1}{10}$: *Henrique Morais*, *Faria* e *Reia*, 2 m. 5 s. $\frac{3}{10}$ em 21/9/42); americana de 5 minatos — *Mário Lopes*, *Cruzeiro* e *Fausto Correia*, 2.175 metros (igual a *Morais*, *Faria* e *Reia* em 23/9/42).

NORTE — Seniores: 300 metros — *Correia de Brito*, 40 s. (menos 1 s. $\frac{2}{10}$ do que o mesmo em 8/9/44); 500 metros — *Brito*, 1 m. 6 s. (2 s. $\frac{8}{10}$: *Rodrigo Viana* em 23/2/40); 1.000 metros — *Brito*, 2 m. 15 s. $\frac{9}{10}$ (5 s. $\frac{7}{10}$: *Rodrigo Viana* em 23/2/40); 1.500 metros — *Brito*, 3 m. 24 s. $\frac{6}{10}$ (13 s.: mesmo em 12/9/44); 5.000 metros — *Brito*, 11 m. 50 s. $\frac{8}{10}$ (15 s.: mesmo em 8/10/45). **Principiantes**: 300 metros — *Manuel Fernandes*, 42 s. $\frac{8}{10}$ (menos 1 s. $\frac{5}{10}$ do que *Canha Gonçalves*: 44 s. em 25/7/45); 500 metros — *Fernandes*, 1 m. 10 s. $\frac{8}{10}$ (3 s. $\frac{2}{10}$: *Coelho de Almeida*, 1 m. 14 s. em 28/7/45); 1.000 metros — *Fernandes*, 2 m. 23 s. $\frac{1}{10}$ (8 s. $\frac{9}{10}$: *Gonçalves*, 2 m. 32 s. em 21/7/45); 3 x 200 metros — *Fernandes*, *Elói Moreira* e *André Carvalho*, 1 m. 27 s. $\frac{2}{10}$ (9 s. $\frac{2}{10}$: *Armindo Martins*, *Luis Polónia* e *António Coimbra*, 1 m. 36 s. $\frac{4}{10}$ em 21/7/45); 3 x 500 metros — *Fernandes*, *Elói* e *André*, 3 m. 42 s. (6 s. $\frac{5}{10}$: *Coelho*, *Alípio Rafael* e *Joaquim Freitas*, 3 m. 48 s. $\frac{5}{10}$ em 28/7/45); americana de 5 minatos — *Fernandes*, *Elói* e *André*, 2.025 metros (mais 25 metros do que *Freitas*, *Coelho* e *Alípio* em 25/7/45). **Juniões**: 100 metros —

Eugénio Montalvão, 14 s. $\frac{9}{10}$ (menos 1 s. do que *Fernando Figueiredo*: 15 s. $\frac{9}{10}$ em 21/7/45); 300 metros — *Montalvão*, 41 s. $\frac{1}{10}$ (3 s. $\frac{5}{10}$: *Figueiredo*, 44 s. $\frac{6}{10}$ em 28/7/45); 500 metros — *Montalvão*, 1 m. 11 s. $\frac{1}{10}$ (2 s. $\frac{8}{10}$: *Figueiredo*, 1 m. 13 s. $\frac{9}{10}$ em 25/7/45); 3 x 100 metros — *Montalvão*, *Eduardo Freitas* e *Anibal Fuentefria*, 44 s. $\frac{8}{10}$ ($\frac{1}{10}$: mesmos em 25/7/45); 3 x 300 metros — *Montalvão*, *Fuentefria* e *Manuel Matos*, 2 m. 15 s. $\frac{8}{10}$ (1 s. $\frac{6}{10}$: *Montalvão*, *Freitas* e *Fuentefria*: 2 m. 17 s. $\frac{4}{10}$ em 28/7/45).

Todos estes novos e anteriores recordes do sul pertencem ao Benfica — e os do norte ao Académico, do Porto, exceptuando-se, nas listas dos antigos: *Rodrigo Viana* (que ao tempo era do Estrela e Vigorosa), *Canha Gonçalves* (Académica de Espinho), *Martins*, *Polónia*, *Coimbra* e *Figueiredo*, todos eles do Infante de Sagres. Os novos recordes nortenhos dos 500 e 1.500 metros (seniores), 1.000 e 3 x 200 metros (principiantes) e 300 metros (juniões) não foram obtidos em provas do campeonato, mas sim em tentativas nas duas últimas jornadas.

Assinalem-se as proezas de *Abílio Reis* (6 títulos e outros

tantos recordes!); de *Carlos Ventura* (apenas um título e um recorde a menos...) e de *Joaquim Oliveira* (6 títulos e 4 recordes) nos campeonatos de seniores do sul — que são realmente de tomol! Não se esqueça, porém, que *Correia de Brito* — nosso amigo e prezado camarada do «Comércio do Porto» — ganhou todos os títulos nortenhos de seniores (nove!) e destronou os recordes individuais da região — dois que já lhe pertenciam e outros tantos do eng.º *Rodrigo Viana*, alcançados, em Lisboa, quando ainda no Vigorosa, mas que o campeão academista melhorara em Julho de 1945, sem, contudo, terem sido homologados pela Federação; e que os jovens portuenses *Manuel Fernandes* e *Eugénio Montalvão* (dois valores positivos da moderna camada de patinadores) conquistaram todos os títulos regionais de principiantes e de juniores — tendo o primeiro destronado seis recordes (todos os da categoria!) e o último cinco. Ajantem-se àqueles nomes os dos benfiquenses *Valdemar Ferreira* e *Raul Rodrigues* (principiantes) e *José Lisboa* (júnior) — vedetas dos campeonatos do sul — que conquistaram, respectivamente, 4, 5 e 4 títulos e 4, 5 e 4 recordes nacionais das suas categorias. Foram estas as nove figuras mais destacadas das competições de corridas em patins de 1946 — cujos nomes convém fixar.

Sobre estas jornadas gloriosas para a patinagem algo há para se dizer ainda; mas isso ficará para novo artigo.

Jorge Monteiro

Hoquei em patins

(Continuação da página 3)

No conjunto não pode exigir-se mais; mas há que aceitar empate e derrota consentidos no Porto, porque o visitante não pôde contar com a colaboração (valiosa e preciosíssima) dos primos Correias, ambos jogadores de futebol em actividade no campeonato da 1.ª divisão de Lisboa. Este por menor, importante, deve ter contribuído de maneira decisiva para os dois últimos maus resultados dos campeões nacionais no Porto. Acrescente-se, para complemento e a título de simples informação, que o Paço de Arcos, desde Novembro de 1945, há quase um ano, portanto, contava por triunfos as partidas disputadas — mesmo contra os melhores do Sul!

Classificação final da prova:

	J. V. E. D.	Goals P.
Paço de Arcos	6 4 1 1	40-20 15
H. C. Sintra...	6 3 1 2	22-24 13
Inf. Sagres...	6 2 2 2	22-32 12
Académico...	6 1 — 5	20-28 8

104

Jorge Monteiro

Por curiosidade, anote-se que coincidindo com a primeira e única derrota dos campeões nacionais, o Académico obteve também o seu primeiro triunfo no torneio em curso.

E para fechar — que o espaço é precioso e o comentário geral acerca da acção dos clubes na prova fica para uma próxima crónica — publique-se a lista dos vencedores:

1939	— Sporting
1940	— Futebol Benfica
1941	— Futebol Benfica
1942	— Paço de Arcos
1943	— Futebol Benfica
1944	— Paço de Arcos
1945	— Paço de Arcos
1946	— Paço de Arcos

De onde se conclui que o clube da linha dos Estorils obteve terceiro triunfo e bateu um recorde — pois ultrapassou o Futebol Benfica no número de vitórias seguidas e alternadas.

Ano IV — II Série

Lisboa, 9 de Outubro de 1946

N.º 201



Em Gaia disputou-se uma corrida pedestre que, além do interesse que despertou, reuniu um bom número de participantes que se vêem na foto de cima, antes do início da prova. 2 — Da esquerda para a direita: Delfim Pereira, Agostinho Nunes, ambos do Águia de Val de Ferreiros, Eduardo Ferreira e José Silva, dos Águias de Ovar, respectivamente 1.º, 2.º, 3.º e 4.º classificados. 3 — A equipa vencedora: Águias de Val de Ferreiros



1 — Junto às redes do Atlético, ante a ameaça dos avançados «cufistas»



2 — Corria, o guarda-redes do Atlético, segura uma bola enviada com boa direcção

1 — No F. C. Porto-Académico. A defesa portuense destroi a pressão dos avançados académicos. 2 — No Boavista - Leixões. Mota, guarda-redes do Boavista mergulha a defender um remate de Costa Pereira



O sr. dr. José de Melo, tesoureiro da Federação Portuguesa de Futebol, acompanhado do sr. Alberto Brito, presidente da A. F. do Porto, visitou os terrenos do novo campo do Sport Progresso. Os visitantes foram recebidos pela direcção do clube que ofereceu ao dirigente da Federação um emblema do Sport-Progresso — 2

NO JOGO

VITORIA de Guimarães - GIL VICENTE

Uma defesa do guarda-redes barcelense sob as vistas de Brioso



Joaquim Teixeira, do Vitória de Guimarães prepara um remate

A ILUMINANTE

A maior organização do Império
em MATERIAL ELÉCTRICO

LISBOA

Av. Almirante Reis, 6.^ª
Largo do Intendente, 11 a 17

PORTO

R. Passos Manuel, 203-A, 203-B
e 209



Flecha

a bicicleta dos campeões

A ILUMINANTE

Stand FLECHA
Largo do Intendente - Lisboa



Stadium
2/00